NÚMERO 68 | 15 DE JULHO A 15 DE AGOSTO DE 2008 | 1 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA

"Estou convencido de que o instrumento real do processo de libertaçom nacional que tem este país é o BNG"

Bieito Lobeira, deputado do BNG no Parlamento galego | PÁGINA 06 |

Trabalhar como galegos

Enquanto a Junta se gaba no exterior dos baixos salários e da docilidade dos assalariados e assalariadas galegas, no interior descreve umha situaçom que melhora e um acordo com os principais sindicatos. Por um lado, chama a nossa atençom ressaltando a boa evoluçom do emprego mês a mês, e por outro publicita a precária situaçom dos trabalhadores galegos para fomentar o investimento.

Basta ler com atençom os dados oficiais, como o relatório laboral sobre a mocidade (2007) para constatar a continuidade da precariedade, os baixos salários e a emigraçom como riscos mais característicos do trabalho das e dos jovens; os dados positivos apenas venhem da comparativa europeia, e podem ser qualificados como mera ilusom estatística, já que se incluem os dez novos membros da Europa do Leste, com piores indicadores sócio-laborais, que melhoram a situaçom geral dos "marcadores" da economia galega.

A taxa de desemprego reduz-se também só nas aparências, e com umha explicaçom evidente, como a escassa qualidade do trabalho criado e a temporalidade a estender-se; basta assinalar que a temporalidade excedeu 84% entre os menores de 30 anos. Outro engano que explica a reduçom do desemprego oficial é a emigraçom juvenil, fenómeno recorrente na história galega que evita umha explossom social e que muitas vezes nem sequer é registado correctamente. / Pág. 12

"A sensibilidade que existe com o reintegracionismo é doentia, mas existe, e tem umha pressom constante"

Xosé Ramón Barreiro conversa com o Novas da Galiza sobre as últimas decisons polémicas da Real Academia Galega *| Pág. 16*

Muntxaraz na memória

Luís G. 'Foz', Pedro Alonso, Xan Carlos Ánsia, Antom Árias Curto, Joám Peres Lourenço, Joám Lopes, Antom Moreda e Pepe Ramón escrevem em homenagem a Ramom Muntxaraz, recentemente falecido e reconhecido unanimemente polo seu labor como psiquiatra e militante. / Pág. 15

O mundo agrário também enfrenta a decadência à margem do poder político

ENTREVISTAMOS QUATRO RESIDENTES DA GALIZA RURAL DE DIFERENTES PERSPECTIVAS

Nos discursos políticos das forças parlamentares, existe umha palavra mágica: 'modernizaçom'. No seu tempo, serviu para a construçom das grandes barragens da Fenosa, para justificar a emigraçom massiva, ou para cantar as excelências do transporte por autoestrada. Som as mesmas teorias modernizadoras que estabelecem agora um cánone irrebatível: 7%. Segundo relatórios recentes da Uniom Europeia, um país que tenha mais desta percentagem como populaçom activa agrária, está à beira do atraso. A Galiza, 'ancorada' ainda em 12-14% de populaçom labrega, teria que prosseguir a sua reconversom silenciosa, consumando a sobrevivência de um feixe de grandes exploraçons com mao-de-obra assalariada, e concentrando os seus recursos no eixo Ferrol-Porrinho. Porém, quando parece triunfar um ensurdecedor consenso político-mediático a favor do 'crescimento', e quando a imensa maioria da populaçom galega abraçou os princípios da sociedade de consumo, a pressa e a tecnologizaçom acelerada, também há quem decida caminhar noutro sentido. NOVAS DA GALIZA quijo dar voz a vários galegos e galegas que, de profissons e vocaçons diversas, fincárom os seus pés na terra, rebatendo com factos o abandono de um território e o esbanjamento da riqueza colectiva. Nestes tempos de crise energética e porvires incertos, reclamam um papel para o rural. / Pág. 9

E AINDA...

Tempos Livres: leituras, consumo alternativo e grupos de debate no suplemento do Dia da Pátria

O USO SOCIAL DA FORMA GALIZA / 14

LEI DE PARTICIPAÇOM INSTITUCIONAL: três quartas partes do orçamento das organizaçons patronais cobertas com dinheiro público / 05

MOBILIZAÇONS EM DEFESA do ferrocarril de proximidade crescem em intensidade / 07

***Opinions** de Maria do Cebreiro, João Aveledo, Quico Cadaval e Valentim R. Fagim*

NOVAS DA GALIZA
15 de Julho a 15 de Agosto de 2008

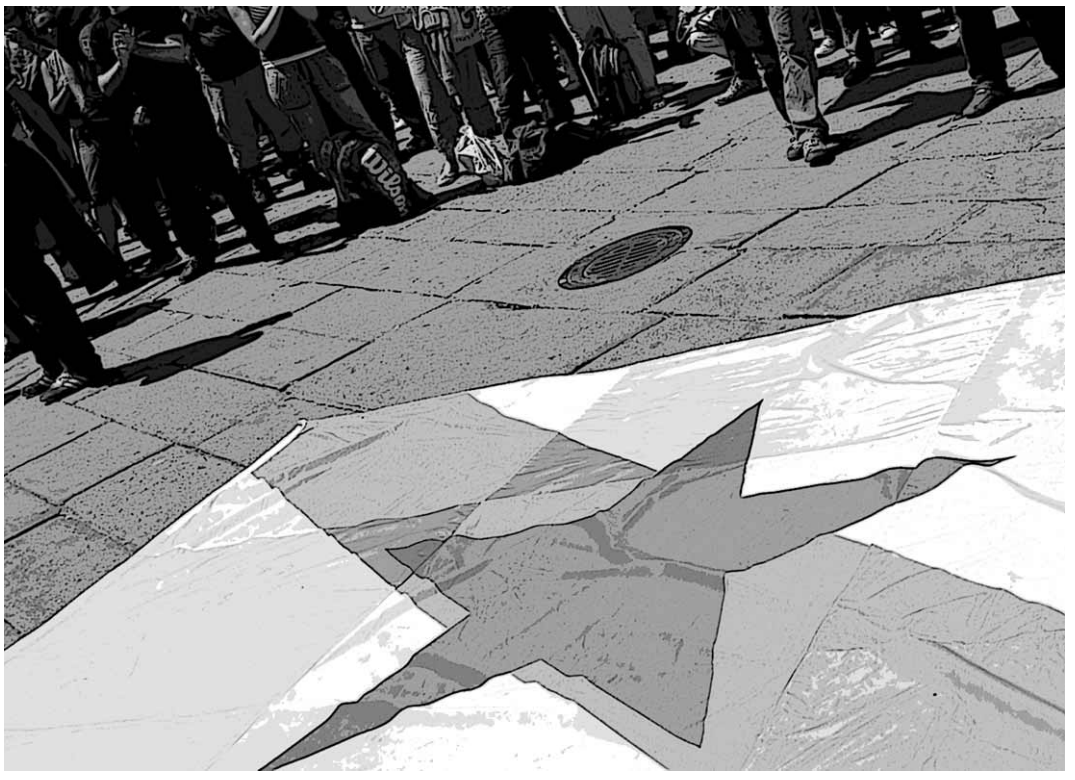
A Pátria é o lugar onde nom sou detida

MARÍA DO CEBREIRO

No 25 de Julho de há três anos, um amigo envioume por telemóvel a mensagem: "feliz dia sem pátria". Ele nom é anarquista e eu tampouco, e ainda que nom tenhamos em estima nem deuses nem amos, onde verdadeiramente estávamos de acordo era no cansaço ante a lógica comemorativa com que o nacionalismo institucional costuma celebrar este dia. A comemoraçom, aí onde fecha o caminho da luita ou da resistência, ameaça destruir o sentido das palavras e dos conceitos que costumávamos vincular a ideias tam nobres como as de independência ou liberdade.

Todas as palavras tenhem umha história da qual, chegado o momento, devem responder. A palavra *pátria* nom é umha excepçom. Virginia Woolf foi umha das vozes mais contundentes nesse já longo processo histórico de interpelaçom a esse nome, tam vinculado (e nom só etimologicamente) ao nome do pai. Na sua procura de respostas concretas a problemas só em aparência abstractos, a mais moderna de todas as modernas prevenia contra o perigo de travar lealdades irreais e concluía: "Para acabar com a guerra, acabem com o patriotismo". Corria o ano de 1896. Duas décadas depois, o sujeito constituído polo proletariado internacional privaria de privilégios e de significados a palavra dos czares. Como é sabido, guerra e revoluçom nom som termos sinónimos.

Há pouco, Slavoj Zizek lembrava numha entrevista a seguinte sentença de Lenine: "Liberdade sim, mas com concreçom". Do mesmo modo, na hora de defender ou de honrar a pátria, temos o direito de saber que conteúdos específicos se nos pede que honremos. E também, claro, quem virá à manifestaçom para os honrar connosco. Um dos efeitos mais perversos da globalizaçom capitalista é que reduz à impersonalidade mais absoluta os lugares dantes reconhecíveis como próprios, sejam estes lugares um bosque, a linha do horizonte ou um café. E enquanto assistimos sem opor apenas resistência à perda radical dos espaços concretos, a esquerda institucional teima em converter as manifestaçons em espectáculos amáveis. (N.B.: Os velhos do lugar contam que as manifestaçons nem sempre fôrom para todos os públicos)



ENQUANTO ASSISTIMOS SEM OPOR APENAS RESISTÊNCIA À PERDA RADICAL DOS ESPAÇOS CONCRETOS, A ESQUERDA INSTITUCIONAL TEIMA EM CONVERTER AS MANIFESTAÇONS EM ESPECTÁCULOS AMÁVEIS

Nom se trata de substituir a celebraçom polo lamento. Nom se trata de fazer um monumento à desapariçom. Trata-se, antes, de traçar o perímetro dos ocos a fim de calcular a força que será precisa para os encher. Se calhar algum dia conseguimos atribuir um novo conteúdo a esse lugar constantemente ameaçado por um regime económico e político que teima em distinguir entre os naturais e os bárbaros e onde a única diferença reconhecível entre terror e Estado é o nível de apoio institucional à violência.. E quando consigamos encher de conteúdo esse lugar, se quadra descobrimos que nom merece o nome de pátria, senom um infinitamente mais formoso e mais preciso.

A GLOBALIZAÇOM CAPITALISTA REDUZ À IMPERSONALIDADE MAIS ABSOLUTA OS LUGARES DANTES RECONHECÍVEIS COMO PRÓPRIOS, SEJAM ESTES UM BOSQUE, A LINHA DO HORIZONTE OU UM CAFÉ

Os poetas que estes dias raivam porque nom lhes fam caso fariam bem em destinar umha pequena dose da sua soberba e da sua raiva à construçom, entre nós, de um novo espaço dos possíveis. E quem di poeta, quer dizer também músico, ourives, condutor de autocarro, catedrática, enfermeiro, alvanel, cineasta. Umha cantiga anónima em língua romena di com bem mais justiça que qualquer hino: "a pátria é o lugar onde nom sou detida / onde nom me batem".

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tens algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverám ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçons, como também de resumi-las ou estractá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis.

Endereço: **pelourinho@novasgz.com**

AGRADECIMENTOS AOS COLABORADORES D'O PASQUIM

Com a saída a lume d'O Pasquim n.º 12, a equipa cumpriu com o compromisso adquirido com o pessoal do Novas da Galiza há pouco mais de um ano e ganha um merecido descanso (modéstia à parte), mas nom quer ir de férias sem antes agradecer publicamente o esforço desinteressado de todas e cada umha das pessoas que colaborárom neste suplemento.

Aproveitamos agora as páginas deste jornal para mostrar o nosso mais afectuoso e sincero agradecimento (em ordem alfabética) a Bruno Ruival, Carlos Meixide, Fer, Franjo Padin, Gonzalo Vilas, Heitor López de Castro, Maceirax, Pepe Carreiro, Pestinho+1 e Séchu Sende. Melhor pagamento do que trabalhar convosco nom pudemos ter!

A todos eles, a todos e todas vós, até logo e obrigados polos peixes!

A equipa d'O Pasquim (G.U., S.S., X.P.)

'PONTE ROMANO'

...La elegancia de la lengua latina había ya a este tiempo degenerado mucho de lo antiguo. Padre Mariano

As pontes da Galiza sempre foram femininas. Deve ser agora, com a confusão dos sexos, que querem passar para o outro género. Fora brincadeiras, esta que estou a referir não é, e afecta uma das raízes mais profundas do nosso idioma: a colocação do género.

Se já não sabemos colocar o género, somos uns degenerados? Um povo linguisticamente degenerado, também o é no resto? Acaso a Galiza e os galegos (ou gallegos) não poderemos continuar a ser sem esta língua que já não é e que está a entrar num estado degenerativo inexorável?

Se partimos da base de que todos somos sucedâneos de algo, ficaremos tranquilos. Só temos que admitir a mestiçagem. Agora, se nos reafirmarmos na conservação do autêntico, o futuro que se nos apresenta, é bem desalentador.

(O motivo que incitou este artigo foi a observação de uma placa na estrada que indica uma ponte medieval muito formosa, na vila de Caldas de Reis).

Suso de Loira

RECUPEREMOS O SALGUEIROM

Nestes dias pode-se visitar na Casa da Cultura de Cangas umha maravilhosa exposiçom de fotografias da natureza do mundo patrocinada por Caixanova. Do Foro Social queremos denunciar a hipocrisia de Caixanova já que a poucos metros da exposiçom, esta entidade financeira ten projectado destruir o único pulmom verde de Cangas com a mais flagrante actuaçom especulativa da Galiza nos últimos anos. Trata-se do conjunto natural de Massó, um dos espaços com mais riqueza natural e com fundos marinhos de alto valor, que som ademais altamente produtivos. Tiremos a carauta aos verdadeiros destrutores da vida natural. Recuperemos O Salgueirom.

Foro Social de Cangas

Galiza: Identidade, Nação e Soberania

JOÃO AVELEDO

Andávamos, como andam os nossos políticos, a cismar nestes assuntos e não sabíamos por onde começar...

Talvez, pola História? Por essa Galiza presumidamente celta, mito nacionalista que hoje faz parte já do nosso imaginário coletivo como povo. Ou por essa Galiza sueva, o primeiro território a se independentizar do Império Romano (411-585). Ou por aquele reino medieval da Reconquista que a historiografia oficial espanhola quis ocultar-nos e ao que em *Spánia*[1] e Além-Pirinéus denominavam Gallaecia[2]. Ou polo nascimento de Portugal (1143), quando Afonso Henriques tornou independente o Sul da Galiza[3], a Galiza Bracarense, reino que logo estenderia por terras lusitanas. Ou pola malfadada Galiza feudal da Alta Idade Média que aposta sempre no cavalo perdedor, de D. Pedro (1366) a Dona Joana «a Excelente Senhora» (1479), até acabar «domada e castrada» polos Reis Católicos[4]. Ou pola insurrecta das duas Guerras Irmandinhas (1431 e 1465-1469) também derrotada no fim. Ou pola que quer renascer em XIX e é fuzilada em Carral (1846)...

Talvez, por uma cultura particular nascida no Maciço Galaico-Duriense, das ribeiras do Návia às do Douro, berço de uma língua minorizada, híbrida, abastardada no aquém-Minho pola pressão do castelhano... mas nunca minoritária, com mais de 200 milhões de falantes e «idioma comum dos povos de quatro continentes desde Galiza a Timor» nas palavras de Manuel Fraga[5]. Idioma oficial nos principais organismos internacionais, também na UE como o demonstraram na prática os eurodeputados José Posada e Camilo Nogueira.

Talvez, pola nossa idiossincrasia, relativista e tolerante frente ao maniqueísmo extremo de uma Espanha «guerracivilista», que abala historicamente entre a queima de hereges ou a queima de conventos.

Talvez, polo rol de colónia interior que a Galiza tem assinalado dentro do Estado, fornecedora de energia e matérias primas baratas. Ou pola relação de injúrias e discriminações, do "viajeros al tren, gallegos también" à autoestrada que tardou três décadas em acabar-se.

Mas abandonemos complexos e vitimismos estéreis. Deixemos também de lado um conceito estático de nação que em coerência nos faria reivindicar a anexação a Portugal. Neste senso, não podemos, nem queremos renunciar à herança cultural espanhola, elemento que nos singulariza frente à «nobre Lusitânia». Um conceito simplista de nação que, infelizmente, ainda guia o nacionalismo galego e que tem o seu pai intelectual em Estaline[6]. Já agora, não deixa de parecer estranho que aqueles que se reclamam nacionalistas galegos ponham como símbolo na bandeira uma estrela vermelha de cinco pontas, a mesma estrela emblema dos exércitos que invadiram tantas e tantas nações em nome de um internacionalismo ferreamente centralizado em Moscovo ou Beijing. A mesma que adornava os tanques que há agora quarenta anos esmagavam os sonhos de liberdade da Primavera de Praga.

A questão não é, portanto, se somos ou não somos, se fomos ou deixamos de ser. A questão é se realmente queremos ser, se queremos existir politicamente como povo diferenciado e se a soberania poderá trazer-nos um maior bem-estar. Como evidenciam os antes «pobres» e «periféricos» irlandeses, isto só será possível se a independência for acompanhada de políticas adequadas. E, pois claro, falamos aqui de independência em termos relativos, no contexto de uma União Europeia supranacional e um mundo globalizado (queiramo-lo ou não!). Preferimos, a soberania real da Bavária alemã à independência sobre o papel de uma qualquer República das Bananas.

Insistimos, para além de debates sobre sacrossantas essências e indissolúveis unidades da Pátria, uma nação é a vontade colectiva de um povo de ser politicamente. Europa (séc.s. XX e XXI): Noruega (1905), Bulgária (1908), Albânia (1912), Finlândia (1917), R. Checa (1919), Hungria (1919), Polónia (1918), Cidade do Vaticano (1929), Islândia (1944), Eire (1949), Chipre (1960), Malta (1964), Arménia (1991), Azerbaijão (1991), Bielo Rússia (1991), Croácia (1991), Eslovénia (1991), Estónia (1991), Geórgia (1991), Letónia (1991), Lituânia (1991), Macedónia (1991), Moldávia (1991), Ucrânia (1991), Bósnia-Herzegovina (1992), Eslováquia (1993), Montenegro (2006), Kosovo (2008)... Galiza (????).

1. Spánia era o nome que, na altura, davam os galaicos ao território muçulmano peninsular.
2. Sánchez Albornoz Claudio (1981), *Estudios sobre Galicia en la temprana Edad Media*, Fundación Barrie de la Maza, Crunha.
3. Oliveira Martins, Joaquim Pedro de (1879 [1987]), *História de Portugal*, Guimarães Editores, Lisboa.
4. Zurita, Jerónimo, Cronista dos RR. CC. (Séc. XVI).
5. Fraga Iribarne, Manuel, discurso em 21/07/97 na Academia das Artes Brasileiras.
6. Para Estaline «a nação é uma comunidade humana estável, historicamente formada e surgida sobre a base da comunidade de idioma, de território, de vida económica e de psicología, manifestada esta na comunidade de cultura». Estaline J. (1914), *O problema nacional e o marxismo*, Editora Priboy, S. Petersburgo.

NOVAS DA GALIZA

EDITORA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Carlos Barros G.

CONSELHO DE REDACÇOM
Alonso Vidal, Antom Santos, Iván Garcia, Sole Rei, Helena Irímia, Eduardo S. Maragoto

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Miguel Garcia, Carlos Barros

IMAGEM CORPORATIVA
Miguel Garcia

FECHO DA EDIÇOM: 20/07/08

INTERNACIONAL
Duarte Ferrín

COLABORAÇONS
José E. Vicente, Zélia Garcia, Maria Álvares, André Casteleiro, Xabier Xil, Xiana Árias. **Opiniom**. Gustavo Luca, Maurício Castro, X. C. Ánsia, Santiago Alba, Daniel Salgado, Kiko Neves, J.R. Pichel, Carlos Taibo, Celso Á. Cáccamo, Jorge Paços, Adela Figueroa, Joám Peres, Pedro Alonso, Luís G. 'Foz', Alberte Pagán, Concha Rousia, Xurxo Martínez, Alexandre Banhos, Raul Asegurado, Miguel Penas. **Cronologia.** Iván Cuevas. **Música**. Jacobe Pintor. **Galiza Natural**. João Aveledo. **Sexualidade**. Beatriz Santos. **Língua Nacional**. Valentim Fagim. **Desportos**. Anxo Rua Nova, Xavier S. Paços. **Cinema**. Francesco Traficante

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ
Natália Gonçalves
Galiza Independente (GZI)
Xavier Sampil

ADMINISTRAÇOM
Irene Cancelas Sánchez

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartin, Pepe Carreiro, Pestinho+1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo Vilas

CORRECÇOM LINGÜÍSTICA
Eduardo Sanches Maragoto
Fernando Vázquez Corredoira
Vanessa Vila Verde
Mário Herrero (Suplementos)

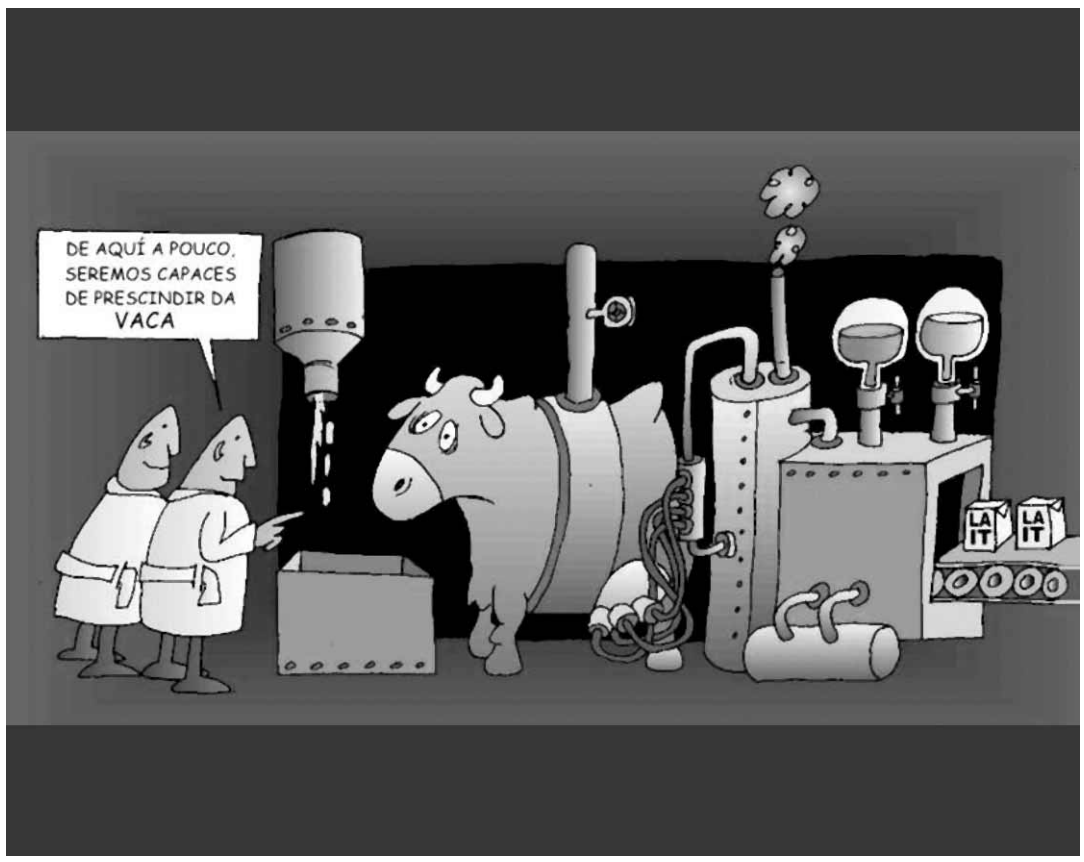
D. LEGAL: C-1250-02 / As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência. A informaçom continua periodicamente no sítio web www.novasgz.com e no portal www.galizalivre.org

UM PANORAMA DIFERENTE

Pola primeira vez em quatro décadas, o dia nacional vai ser comemorado e dirigido polas instáncias do poder. Se bem que se trate de uns governantes subsidiários, situados mui por baixo na escala dos que mandam, convocam para festejar as conquistas de umha Administraçom, antes do que para pelejar por um enquadramento diferente. Na Galiza dos últimos tempos, predomina o protesto subsidiado, as mobilizaçons convocadas pola ordem, a crítica social paga com fundos públicos, e umha pesada auto-apologia na imprensa pública e privada. Se este bloco social –mormente nutrido de profissionais e classes médias enriquecidas– conseguir o apoio dos amos de verdade, os senhores do dinheiro, entom a Galiza entra de vez numha etapa diferente. Mas os saqueadores de recursos, para além do país sentimental, querem certificar antes se essa "Galiza com peso em Espanha" pode tornar-se num negócio de verdade.

Fora de Espanha e dos seus calendários político-eleitorais sobrevive e peleja umha base social mui popular, urbana e nomeadamente juvenil, filha da precariedade e da crise da política, carente dos direitos democráticos formais que a dissidência desfrutava há quinze ou vinte anos. Configura-se numha trama associativista polimorfa e sem núcleo central, avondo diverso e privado da chantagem de grandes burocracias; porém, conta com a hostilidade sem ambages de todas as expressons dos poderes: económico, mediático, político e judicial. O seu percurso, nos tempos que aí venhem, abre umha fase incerta da causa nacional galega.

FRANJO PADIN



NOVAS DA GALIZA
15 de Julho a 15 de Agosto de 2008

NOTÍCIAS

Imagem da manifestaçom de Causa Galiza no 25 de Julho de 2007, a primeira convocatória desta entidade/ SOLE REI

O independentismo volta unido ao Dia da Pátria em torno à Causa Galiza

REIVINDICAÇOM E FESTA NO 25 DE JULHO E NA VÉSPERA

REDACÇOM / A habitual manifestaçom do BNG no Dia da Pátria sairá pontual este ano. É umha das medidas adoptadas pola organizaçom da mesma para evitar os colapsos na Cidade Velha de Compostela, perante as previsons de afluência que apontou o secretário de Organizaçom do BNG, Alberte Ansede: "Será a maior da história". A potente campanha que a frente desenvolveu nos dias prévios e as dez mil reservas para o jantar parecem dar-lhe a razom, e assim, a manifestaçom transcorrerá com dous percursos paralelos depois de entrar na zona velha. Um deles finalizará nas Pratarias, onde um ecrám gigante permitirá seguir os discursos da Quintá, subordinados ao slogan "Cremos no noso país". Seguirá-se umha homenagem ao hino no seu centenário. Como "infelizmente ainda é desconhecido por muita gente", a letra será distribuída polos manifestantes no verso de umha grande estrela vermelha de cinco pontas.

A outra alternativa reivindicativa do dia partirá às 13h30 da mesma Alameda compostelana, organizado pola Causa Galiza. A portavozia desta plataforma salientou em conferência de imprensa que é o segundo ano que esta manifestaçom convoca todo o soberanismo galego e destacou a necessidade "de estender os posicionamentos soberanistas perante o debate estatutário", por "cativo" e por ter a agenda "marcada por Espanha". Também se fijo referência ao TAV, à ENCE ou à crise económica para frisar que a sua organizaçom vai estar dedicada "à defesa activa da nossa realidade nacional em todos os ámbitos". Um jantar no parque de Belvis porá fim à jornada reivindicativa da Causa Galiza neste dia.

A véspera

Para o dia 24, a AMI voltou a convocar a tradicional Rondalha da Mocidade, a partir da meia-noite, precedida de um acto político e actuaçons musicais e exposiçons. Precisamente estas estarám centradas na denúncia da turistificaçom, eixo central do discurso da organizaçom juvenil no Dia da Pátria. Os actos vam desenvolver-se entre a Porta do Caminho e a Praça do Pam. Briga, por sua vez, também anunciou para esse dia umha jornada de rebeliom juvenil com manifestaçom à tardinha no Toural e um concerto nocturno.

Também o Festigal, que continua no próprio Dia da Pátria, dará começo no dia 24. Este ano conta com a actuaçom estrela de Pablo Milanés, ao lado de outras bandas como Lamatumbá ou Berrogüeto.

Historiadores galegos, bascos e cataláns unem-se perante os ataques dos "sectores antidemocráticos"

REDACÇOM / Mais de trinta investigadores e investigadoras da Galiza, o País Basco e Catalunha assinárom o manifesto fundacional da 'Galeusca de Historiadores', que pretende dar resposta aos problemas comuns dos respectivos países e comemora o 75 aniversário da primeira uniom política e cultural destas naçons. Mostram a vontade de contribuir para a "aproximaçom das culturas e sociedades (...) através do recíproco conhecimento".

Pretendem resgatar "o espírito da Tripla Aliança de 1923" e o "Galeuzca de 1933", assim como outros projectos desenvolvidos no exílio durante o franquismo entre as três comunidades. No manifesto defendem as suas respectivas línguas nacionais, denunciam o corte horário aplicado às aulas de história, enfrentam a "tentativa de uniformizaçom que se promove com a pressom do aparelho estatal espanhol" e fam um chamamento aos professores e professoras de História para aprofundarem no conhecimento do seu passado e para assumirem "umha funçom social activa a favor da normalizaçom dos nossos respectivos países".

Entre os assinantes encontram-se o historiador galego que dá aulas na universidade basca de Deusto Xosé Estévez, o professor da Universidade Autónoma de Barcelona Lluis Ferrán Toledano, o docente de História Contemporánea na Universidade da Corunha Carlos Velasco Souto e o director da revista Murguía e membro do Conselho da Memória Uxío-Breogán Diéguez.

Plataforma Ponte Vedra Antitaurina volta à actividade

REDACÇOM / A plataforma local Ponte Vedra Antitaurina retomou polo segundo ano consecutivo as suas actividades de oposiçom à Feira Taurina, por meio de umha campanha de agitaçom que finalizará com umha concentraçom no vindouro dia 9 de Agosto, terceiro dia das touradas que se realizam coincidindo com as festas da Peregrina, nas quais "vinte e quatro touros vam ser torturados, mutilados e sangrados com a cumplicidade de instituiçons públicas".

O colectivo, de adscriçom individual, conjuga a denúncia da tortura aos animais com a rejeiçom do carácter "espanholizante e alheio à nossa cultura" das touradas, ademais de assinalar a sua associaçom à direita e à exaltaçom de valores machistas. A sua promoçom foi mui importante, de facto, no Franquismo.

As actividades de mobilizaçom incluem umha campanha de recolhida de assinaturas, a distribuiçom de trípticos informativos, a realizaçom de um mural e umhas jornadas anti-taurinas na semana prévia à concentraçom.

Entre outras propostas, a plataforma insta à Cámara Municipal a declarar a cidade "antitaurina e amiga dos animais" e a reconverter a praça num coliseu para outros espectáculos; ademais, reclamam que as instituiçons paralisem qualquer financiamento, ainda que actualmente este se realize maioritariamente de forma encoberta. Da plataforma valorizam como um passo atrás que a Cámara Municipal voltasse a incluir as touradas como um atractivo turístico no cartaz e programa das festas difundidos massivamente, quando desaparecera em anos anteriores. Também reclamam da Junta da Galiza umha Lei de Protecçom Animal que proíba este tipo de espectáculos.

Os integrantes de Ponte Vedra Antitaurina aguardam que as touradas cheguem a ser, algum dia, umha péssima lembrança "do passado mais obscuro". Ponte Vedra é a única cidade galega que conta com umha praça de touros estável, ainda que os espectáculos taurinos só se realizam durante estas duas semanas do ano.

Pérez Touriño assinando o 'Acordo pola Competitividade' com o presidente da patronal galega Antonio Fontenla e os secretários gerais de UGT e CCOO

Junta, CEG, CCOO e UGT assinam o 'Acordo pola Competitividade'

REDACÇOM / A Junta da Galiza, a CEG (organizaçom patronal) e os sindicatos CCOO e UGT assinárom recentemente o Acordo pola Competitividade da Galiza 2008-2011 com a oposiçom da Confederaçom Intersindical Galega (CIG). Este pacto, com 300 medidas, foi publicitado como o «acordo estrela do Diálogo Social».

Ainda que os promotores do pacto assegurassem que o plano é a longo prazo, para a CIG nom é um argumento crível, pois para isso «devem consignar-se despesas orçamentais para cada umha dessas 300 medidas anunciadas, e essas despesas orçamentais som, precisamente, as grandes ausentes», critica a secretária de Organizaçom da central nacionalista, Chelo Martínez, que também rejeitou que este acordo prime a subvençom ao empresário e as medidas de conjuntura sobre as necessárias mudanças do sistema produtivo galego.

Participaçom Institucional

Um outro acordo recente, neste caso subscrito pola CIG, é a Lei de Participaçom Institucional, cujos conteúdos já fôrom pactuados e só esperam a aprovaçom parlamentar. A principal novidade é que reconhece o papel dos sindicatos como interlocutores sociais, o qual fará com que estejam presentes em numerosas instituiçons e organismos onde nom figuravam e, no caso daqueles onde sim estavam, verám aumentada a sua representaçom, como no caso do Conselho Económico e Social ou o Igape, entre outros.

No entanto, o aspecto que está a gerar mais polémica é a despesa orçamentária consignada a pagar os chamados 'custos de representaçom': dous milhons de euros, dos quais um deles se repartirá entre os sindicatos maioritários (CCOO, CIG e UGT) e outro, na íntegra, irá parar ao patronato. Esta distribuiçom significa que, com dinheiro público, a CEG poderia obter três quartas partes do seu orçamento – actualmente de 1,3 milhons.

'Bandeiras negras' contra as agressons ao litoral

REDACÇOM / 'A Ria nom se Vende' e 'Ecologistas em Acçom' apresentárom em Vigo o relatório 'Bandeiras Negras 2008. Hipoteca Costeira', que detectou no litoral nacional oito pontos negros e considerou merecedoras de bandeiras negras vinte e seis espaços. Para tais consideraçons tivérom em conta as agressons urbanísticas, os despejos poluentes e diferentes casos de degradaçom qualificados como irreversíveis.

A apresentaçom coincidiu com a chegada do veleiro Deusa Maat a Vigo e Cangas, momento que os ambientalistas aproveitárom para colocar as bandeiras e delimitar os espaços declarados pontos negros.

Galiza perdeu 9.500 empregos no último ano

REDACÇOM / Segundo os últimos dados oficiais, algo mais de 9.500 galegas e galegos perdêrom o emprego no último ano, de maneira que o número total de desempregados ultrapassa já as 152.000 pessoas. Entre as principais causas estám a crise do sector da construçom e de actividades económicas ligadas a ele – madeira, pintura ou pichelaria, entre outros – e o aumento dos preços do petróleo, que provocou reajustamentos em sectores como o dos transportes ou a pesca.

Para as organizaçons sindicais trata-se de umha circunstância muito preocupante e já pedírom medidas urgentes para paliar os seus efeitos, entre elas planos para a reinserçom laboral das pessoas que perdêrom o emprego .

CRONOLOGIA

◆ 10.06.2008

M.G.R., trabalhador de 55 anos, falece numha fábrica de cerámicas de Messia ao ficar preso a umha máquina.

◆ 11.06.2008

Luis A.I, alvanel de Borborás de 63 anos, morre ao cair da vivenda em que trabalhava.

◆ 12.06.2008

Detidos 16 piquetes na Galiza com o aumento da repressom contra a greve do transporte.

◆ 13.06.2008

As casas em Malpica dos presidentes da federaçom galega e espanhola de confrarias recebem o impacto de bengalas após fazerem um chamamento à volta da actividade pesqueira.

◆ 15.06.2008

Torna-se pública umha pastoral do pároco católico de Vedra em que ataca o galego e considera a diversidade lingüística "umha grande incomodidade que há que suportar".

◆ 16.06.2008

Património obriga a derrubar 67 habitaçons à volta do Campo da Torre (Ortigueira), autorizadas polo governo municipal à imobiliária Os Celtas, administrada polo irmao do daquela presidente da Cámara.

◆ 17.06.2008

C.G.S., operário da Póvoa do Caraminhal de 17 anos, morre esmagado por umha pedra de duas toneladas numha obra da empresa Domínguez Larangos S.L. em Ribeira.

◆ 18.06.2008

Fiscalia pede quatro anos de prisom para E.I.M., polícia de Lugo, acusado de obrigar umha cidadá colombiana a exercer a prostituiçom.

material nga
☎692060607 · encomendas@novasgz.com · gastos de envio incluídos

O PAÍS NA JANELA
3 anos de independência informativa
10 €

GUIA DE CENTROS SOCIAIS
Espaços abertos para umha nova cultura
14 €

MANUAL GALEGO DE LÍNGUA E ESTILO
Soluçons para as dúvidas ao escrever
32 €

Liga nacional de Bilharda
SUBSCRIÇONS
+ pack bilharda: 30 €
+ pack duplo bilharda: 35 €
PARA JOGAR À BILHARDA
Pack individual: 10 €
Pack duplo: 15 €

◆ 19.06.2008

Alecrim denuncia que a Cámara Municipal de Vigo quer fechar, no dia 30, a casa de acolhimento para vítimas do terrorismo machista.

◆ 20.06.2008

Um milhar de vizinhos reclamam com uma "caçarolada" a liberdade dos três do Eixo e acusam o sindicato policial SUP de impedir o indulto.

◆ 21.06.2008

Conselharia do Meio Ambiente impom a Ferroatlántica 600.000 euros de multa polo desastre ecológico do rio Jalhas. A empresa obtivera 500.000 euros do esvaziado da barragem que provocou a morte de milhares de peixes.

◆ 22.06.2008

Por volta de 2.000 pessoas manifestam-se na Corunha para reclamarem a regeneraçom da ria do Burgo.

◆ 23.06.2008

Perto de 5.000 pessoas reclamam soluçons à crise da pesca em Compostela.

◆ 24.06.2008

Dezanove pessoas som detidas em Compostela, acusadas de explorarem laboralmente imigrantes marroquinos.

◆ 25.06.2008

María Jesús Lago, vereadora do Meio Ambiente, Saúde e Consumo de Vigo, reconhece que metade das fontes da cidade nom som aptas para beber e desaconselha que se utilizem.

◆ 26.06.2008

Faro de Vigo denuncia que a web investingalicia.com, do Instituto Galego de Promoçom Ecónomica (ornanismo público), aconselha as empresas a investirem na Galiza polos seus "baixos custos laborais".

◆ 27.06.2008

V. J. V. M., percebeiro de 38 anos, falece em Ponta Hermínia (Corunha) levado por um golpe de mar.

◆ 28.06.2008

150 professores da Universidade da Corunha assinam um manifesto contra o Plano de Organizaçom Docente, que prevê umha reduçom da carga

BIEITO LOBEIRA, PARLAMENTÁRIO DO BLOCO NACIONALISTA GALEGO

"A perda de militantes por razons ideológicas é imperceptível no BNG"

C. BARROS / Bieito Lobeira destaca no grupo parlamentar do BNG pola sua juventude e por ser o político nacionalista mais atacado polos meios de comunicaçom convencionais. Novas da Galiza conversou com ele para conhecer a sua opiniom a respeito de algumhas das principais críticas que as bases soberanistas dirigem ao seu grupo parlamentar depois de três anos de governo com o PSOE na Junta.

"É escandaloso que o dinheiro público sirva para subvencionar meios absolutamente beligerantes com o galego. Tentam criar umha série de dependências do ponto de vista político e nom o ánimo real de normalizar a língua"

Como pode ser compatível manter a coerência do vosso projecto político procurando votos no eleitorado do PP?
Falamos de umha extracçom de base popular, e o nacionalismo nom pode renunciar a entrar nesses sectores sociais e dar por feito que estám cativos polo PP. Outra cousa é como se faga este trabalho. O nacionalismo galego tem postos de responsabilidade no governo da Galiza, o que dá pé a pôr em marcha umha política pedagógica. O nacionalismo na Galiza nom é umha opçom eleitoral mais das que se apresentam, é umha necessidade estratégica.

O BNG defende o direito de autodeterminaçom. Como se pode materializar a partir das instituiçons?
Estou convencido, honestamente, de que o instrumento real do processo de libertaçom nacional que tem este país é o BNG, com toda a clareza. Estamos na naçom que estamos e temos o povo que temos. Partimos da consideraçom da autodeterminaçom como um processo político a longo prazo. O nacionalismo na Galiza nom está consolidado do ponto de vista da consciência nacional, e precisa de um processo urgente de organizaçom e de conciencializaçom do povo. Essa é a fase em que nos encontramos. Sou dos que pensa que a soberania exerce-se, o que nos remete para o controlo dos recursos e da economia e nos obriga a trabalhar por garantir o processo de tomada de decisom política real e nom sujeita a outro tipo de condicionantes externos; em caso contrário, nom estamos a falar de autodeterminaçom real, mas aparente, simbólica ou declarativa.

Como se explica que o plano eólico auspiciado polo BNG quase duplique o número de moinhos?
Haverá que estudar qual é a sua implantaçom. Trata-se de que umha parte dos benefícios fique na Galiza e que ademais os projectos impliquem outro tipo de geraçom de riqueza no próprio País; para nós é mui importante. Outra cousa é o impacto: o que há que avaliar som as instalaçons concretas e estudar se vam ser ampliaçons, que impacto vam ter, etc. Haverá que calcular todo isto em funçom de cada projecto concreto, como no caso da piscicultura.

Acusam-vos de estar à procura de grupos empresariais afins e de ter um bloco de capital forte e cómodo com este poder.
Em todo este processo, apostamos em empresas daqui. Antes era o mundo da especulaçom, do favor, do amiguismo e da entrega dos benefícios económicos a particulares, e o que há agora é umha vinculaçom muito maior com o País. Muitas empresas nom gostam deste esquema.

Como avalias a distribuiçom de fundos públicos para a promoçom do idioma nos meios de comunicaçom?
É escandaloso que o dinheiro público em matéria de normalizaçom lingüística sirva para subvencionar meios absolutamente beligerantes com o galego. A utilizaçom destes subsídios tem um ponto de partida: criar umha série de dependências do ponto de vista político e nom o ánimo real de normalizar a língua. As regras de jogo concretas em que assenta a dotaçom e a distribuiçom destes subsídios som absolutamente discriminatórias, tanto para meios como o vosso como para publicaçons de distribuiçom gratuita, ou para publicaçons em galego fora dos limites actuais da CAG, como no Berzo ou no Eu-Návia. Somos mui críticos com o papel que está a desenvolver a Secretaria Geral de Política Lingüística, neste e noutros ámbitos. Vamos defender a democratizaçom destas ajudas e a sua vinculaçom a aqueles meios que realmente apostam na difusom do galego.

> "O instrumento real do processo de libertaçom nacional que tem este país é o BNG, com toda a clareza. Estamos onde estamos e temos o povo que temos"

Tem pensado o BNG apresentar algum tipo de iniciativa para evitar a dispersom dos presos e a presa independentistas?
Consideramos contraproducente para o processo de tomada de consciência do País a existência de fenómenos de violência política na Galiza. Criminalizam o nacionalismo e pensamos que nom ajudam a nada. Em funçom disso, a nossa posiçom política vincula-se também a essa consideraçom prévia. Temos defendido a necessidade de possuir competências em matéria penitenciária para trazer todos os presos à Galiza por umha questom absolutamente humanitária e de senso comum. Defendemos os direitos dos presos galegos a estarem polo menos aqui, no próprio País.

Constatámos a existência de baixas críticas no BNG e de altas de sectores que antes viam difícil aproximar-se. Estamos perante um grupo político convencional?
A perda de militantes por razons ideológicas é imperceptível. O que pode haver é um maior ou menor descontentamento em determinados círculos. Está a haver novas altas, mas nom com umha consideraçom ideológica diferente aos princípios do BNG. Umha das prioridades do BNG a estas alturas é formar e informar a base militante e círculos concêntricos do nacionalismo galego. Os meios vinculados a poderes com maiúsculas tentam combater o nacionalismo galego, porque querem acabar com um mecanismo de autodefesa que tem o País para ter umha Galiza mais dócil, mas submissa e portanto mais funcional para o papel que cumpriu historicamente no Estado espanhol. Porém, evidentemente, a curto prazo nom observo nengum risco de que a entrada de nova militância poda provocar um caos ideológico.

Afectados pola perda de serviços ferroviários manifestam-se nas ruas de Compostela

150 vizinhos cortam caminho-de-ferro em Portas polo transporte de proximidade

REDACÇOM / Por volta de 150 vizinhos da localidade de Portas desafiárom as ameaças da Subdelegaçom do Governo de Pontevedra cortando a ferrovia regional no passado sábado 19 de Julho às 19h00. Este concelho acaba de perder as comunicaçons por caminho-de-ferro, passo prévio ao que está por chegar com a implantaçom do Trem de Alta Velocidade que só permitirá paragens de comboio nos principais núcleos de populaçom.

A mobilizaçom respondeu à iniciativa da plataforma popular 'Salva o Trem' e desenvolveu-se com o conhecimento de nom ter sido autorizada, como fora transmitido aos promotores tanto pola Guarda Civil como pola Subdelegaçom do Governo. A este respeito, o subdelegado Delfín Fernández anunciou a abertura de um expediente para sancionar as pessoas que considere promotoras com multas que oscilarám entre os 300 e os 3.000 euros, ao interpretarem esta desobediência como "umha infracçom grave". Entre as pessoas afectadas poderia encontrar-se o presidente da Câmara municipal deste município.

'Salva o Trem' é composta por 15 colectivos e denuncia um "total asanhamento" com os cidadaos e cidadás galegas que progressivamente estám a perder um serviço público básico de transporte com que contavam desde há mais de cem anos. Declaram sentir-se "roubados".

BNG defende AVE como "ferramenta indispensável"

Por sua vez, o BNG organizou umha romaria em Luviám para reclamar a agilizaçom dos trabalhos da conexom por alta velocidade com a meseta, ao entender este serviço como umha "ferramenta indispensável". O acto juntou mais de duzentos militantes e simpatizantes e contou com a presença de Anxo Quintana, quem declarou que "é necessário que o Governo [espanhol] responda" para dispor deste serviço na Galiza em 2012, como tinha sido prometido polo executivo de Zapatero na anterior legislatura.

Oitava ediçom do Festival da Terra e da Língua

REDACÇOM / 'A Fundaçom Artábria voltou a organizar o seu Festival da Terra e da Língua, que juntou um nutrido grupo de pessoas nos dia 18 e o 19 de Julho na localidade trasanquesa de Narom. Eventos lúdicos para crianças e adultos, compromisso político, divulgaçom e música dérom corpo a este evento já consolidado no panorama dos festivais alternativos do Verao galego. Este ano tivérom como legenda 'Na defesa do território', e assim participárom nas palestras representantes de colectivos como o Comité de Emergência da Ria de Ferrol, SOS Courel ou Verdegaia. A leitura do pregom correspondeu ao presidente da Associaçom pola Defesa da Ria de Ponte Vedra, Antón Masa, e a tenda central contou com umha exposiçom permanente sobre as agressons à terra. Desenvolvêrom-se jogos ao ar livre, houvo umha feira de material de movimentos sociais e no ámbito musical estivérom as bandas galegas Machina, Chámalle Xis!, Cuchufellos, Ulträqäns e Dandy Fever, e a basca Amaiur.

Dous novos casos de exploraçom infantil ligada à Inditex em Portugal

REDACÇOM / Um menor de 15 anos e outro de 14 fôrom detectados pola Autoridade para as Condições de Trabalho a coser sapatos para a empresa Cunha & Alves Lda., que produz para a Zara, no concelho português de Felgueiras. A empresa teria tentado escondê-los infrutuosamente perante a chegada da inspecçom.

A informaçom, desvendada polo diário Público, soma-se aos casos conhecidos em 2006 na mesma regiom portuguesa que motivaram umha investigaçom da própria Inditex com o objectivo de erradicar este tipo de práticas. Nesse ano, o empório de Amancio Ortega rescindia contratos com perto de 300 empresas por violarem o código de conduta da empresa.

A regiom de Felgueiras destaca por contar com umha alta percentagem de abandono escolar, mui superior à média portuguesa, conforme a dados recolhidos polo Programa para a Prevenção e Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil (PETI). No entanto, os dous jovens localizados a trabalhar neste caso compatibilizavam os trabalhos irregulares no sector têxtil com os estudos.

lectiva aos professorado 'que se passe ao galego'.

◆ 29.06.2008

Detido um homem na Póvoa do Caraminhal depois de tentar estrangular a mulher.

◆ 30.06.2008

Ministério do Meio Ambiente dinamita o monólito a Francisco Franco das ilhas Cies, ainda que sem conseguir derrubá-lo completamente até o dia seguinte.

◆ 1.07.2008

Conselharia do Meio Ambiente elimina a Laje Brava da Rede Natura para permitir o macroviveiro de piscicultura de Corrubedo.

◆ 2.07.2008

J.M.M.M., operário português, morre a trabalhar numha obra em Betanços.

◆ 3.07.2008

Iberdrola solicita à Cámara Municipal de Nogueira de Ramuim autorizaçom para furar o Canom do Sil. A empresa informa que já foi autorizada polo Ministério do Meio Ambiente e da Junta.

◆ 4.07.2008

Admitida a trámite a queixa-crime da CIG polo acidente do Cordeiro.

◆ 5.07.2008

RAG decide dedicar o Dia das Letras de 2009 ao culturalista Ramom Pinheiro.

◆ 6.07.2008

Fala Ceive denuncia entraves da Direcçom da escola secundária Bergidum Flavium de Cacabelos para a inscriçom na matéria de galego.

◆ 7.07.2008

Ardem de madrugada dous camions das obras da autoestrada Compostela-Noia.

◆ 8.07.2008

Junta da Galiza deixa de financiar a manutençom dos Serviços de Normalizaçom Lingüística existentes nas câmaras municipais.

◆ 9.07.2008

Camionista Ricardo R.B. morre ao cair ao Minho com o seu camiom em Chantada.

NOVAS DA GALIZA
15 de Julho a 15 de Agosto de 2008

INTERNACIONAL

YANNIG LAPORTE, MILITANTE DE EMGANN (MGI)

"O independentismo bretom precisa de umha estratégia e umha prática política constante, bem organizada e analisada"

CARLOS BARROS / Yannig Laporte é o responsável polas relaçons internacionais de EMGANN, Movimento da Esquerda Independentista Bretá, organizaçom em que milita desde há já umha década. Aos seus 28 anos, foi candidato nas passadas eleiçons cantonais e municipais, e estivo recentemente na Galiza como assistente à homenagem realizada em Compostela a Luís Gonçales Blasco 'Foz'.

Em pleno debate sobre o reconhecimento das línguas minoradas no Estado francês, qual é a posiçom do independentismo bretom ao respeito?
Os e as independentistas há já muitos anos que nom nos importamos com as falsas mudanças - que nom chegárom até o momento - na Constituiçom francesa. Quando deparamos com os numerosos problemas existentes, como na escola Diwan de Montroulez, que ficou sem instalaçons, ou com os ataques recentes, temos provas de que nom se pode falar da defesa da língua bretá sem falar do povo bretom e dos seus direitos. Hoje em dia, o nosso povo nom tem nengumha estrutura com capacidade para defender a língua e impulsionar umha verdadeira política lingüística.

Fala-se de paralelismos entre o processo de libertaçom nacional bretom e o galego. Que há de certo nesta afirmaçom?
Se houver, hoje, um paralelismo claro entre os nossos dous países é, para mim, a situaçom política, que mudou muito nas instituiçons nos últimos anos: no ano 2004, na Bretanha, ganhou pola primeira vez a esquerda (PS e PCF) nas eleiçons regionais, coligada com a Uniom Democrática Bretá (partido autonomista bretom de esquerda, o partido patriótico mais importante) e com os Verdes. Na Galiza, por sua vez, no 2005 caiu o pós-franquismo na Junta. Autonomistas no Conselho da Regiom da Bretanha e na maioria política, e nacionalistas no Governo da Galiza; creio que som critérios mui importantes para entendermos a política nos nossos países para os próximos anos. Assim, os independentistas tenhem que analisar esta mudança e tê-la em conta: nom podemos falar agora como há 10 anos.

Em que medida está reconhecido o vosso território por parte do Estado francês?
Quando se fala da Bretanha, há que ver se é da Bretanha inteira (4,5 milhons de habitantes) ou da Bretanha oficial (3 milhons de habitantes) do que se está a tratar. Sem os importantes centros económicos e industriais de Nantes ou de Saint-Nazaire, é evidente que nom falamos sequer da mesma economia. Os dados som mui importantes porque, sem a quinta parte do nosso território, um terço da nossa populaçom, nom podemos ver o verdadeiro espaço que ocupa a Bretanha na economia europeia e no território do Estado francês.

As pessoas mais velhas já sabem que vivem na Bretanha, mas nom é tam fácil para jovens que vivem desde o seu nascimento numha regiom artificial denominada "Pays de la Loire". Por isso, os militantes desta zona tenhem que ser muito comprometidos, porque tenhem que começar por explicar onde vive a gente e qual é o nome do país.

Em que momento se encontra o movimento independentista bretom? Quais som os vossos actuais reptos e expectativas?
O independentismo bretom, ou se quigerdes, o movimento de libertaçom nacional da Bretanha, existente na sua forma actual desde os últimos vinte e cinco anos, precisa de umha estratégia e umha prática política constante, bem organizada e analisada ao longo dos anos, em lugar de organizar boas campanhas um dia e nada ao dia seguinte. Participar regularmente nas eleiçons é também um passo construtivo e umha mudança de pensamento e de prática. No último manifesto da esquerda independentista, nomeado "Breizhistance", valorizam-se dinámicas que podemos pôr em andamento nos municípios. Também há que impulsionar um processo de constituiçom de estruturas sectoriais capazes de ampliar na prática diária os eixos fundamentais do MLNB sobre alicerces populares.

Qual deve ser o papel dos movimentos de libertaçom nacional perante a Europa que estám a desenhar?
Existe, de um lado, um superestado, tecnocrático, e também governos que gostam de dizer que os problemas som ainda por falta de Union Europeia. Hoje em dia, para nós, a palavra de ordem "poder popular" deve ter um valor fundamental, como eixo político de primeira ordem.

ALÉM MINHO

"O discurso lingüístico pode ir por vezes à frente do político"

TERESA CARRO, PORTA-VOZ DO MDL

NGZ / Teresa Carro é a porta-voz do Movimento Defesa da Língua (MDL). Junto com Carlos Pazos, da Universidade do Minho, Alexandre Banhos, da Associaçom Galega da Língua (AGAL) e Ângelo Cristóvão Angueira, da Associação Pró Academia Galega da Língua Portuguesa, participou na Festa da Alegria que o Partido Comunista Português (PCP) organiza desde há 30 anos em Braga. Depois do debate, subordinado ao título 'A Lusofonia como movimento transformador na Galiza' chegou o tempo da música e da poesia, a cargo de Isabel Rei, Concha Rousia e Belém de Andrade.

Parece que o reintegracionismo está a procurar pontos de encontro com a esquerda portuguesa. Nom parece fácil...
Para o MDL sempre foi uma prioridade manter relaçons com as pessoas da esquerda portuguesa que tenhem mostrado interesse polo conflito lingüístico na Galiza. Precisamente daí nasceu este convite que fijo o PCP ao MDL. As tarefas, para serem fáceis, há que trabalhá-las.

No Estado espanhol, o PCP mantém relaçons oficiais de igual a igual apenas com o PCE. Até onde pensas que pode chegar um discurso galego nestas circunstáncias?
É tam legítimo saudar iniciativas do BNG no Congresso de Espanha como promover ou animar possíveis iniciativas na República Portuguesa que tenham a ver com as nossas reivindicaçons. Lembremos as campanhas da recepçom das tv's portuguesas ou do ensino de português na Galiza. O discurso lingüístico pode ir por vezes à frente do discurso político; sermos a vanguarda como aconteceu com As Irmandades da Fala.

Ultimamente, o Norte português parece estar mui atento à 'lusofonia da Galiza'...
Acho que ainda nom é suficiente, ainda nom há os suficientes contactos e a Galiza ainda nom é vista como lusófona. Deveria existir muita mais presença de colectivos galegos do ámbito reintegracionista a estabelecerem laços com colectivos portugueses.

Que nos contas da Festa da Alegria?
A Festa da Alegria deste ano foi a mostra evidente de que o PCP tem algum interesse na realidade da Galiza e que o contacto entre pessoas galegas e portuguesas existe. Em próximas ediçons o MDL tentará aumentar a presença galega, porque o achamos muito importante mas também porque ficamos com muito bom sabor de boca, por causa do bom trato dos 'camaradas', da festa e da malta em geral. Encorajo-vos a incorporardes esta festa na agenda de eventos do Verao.

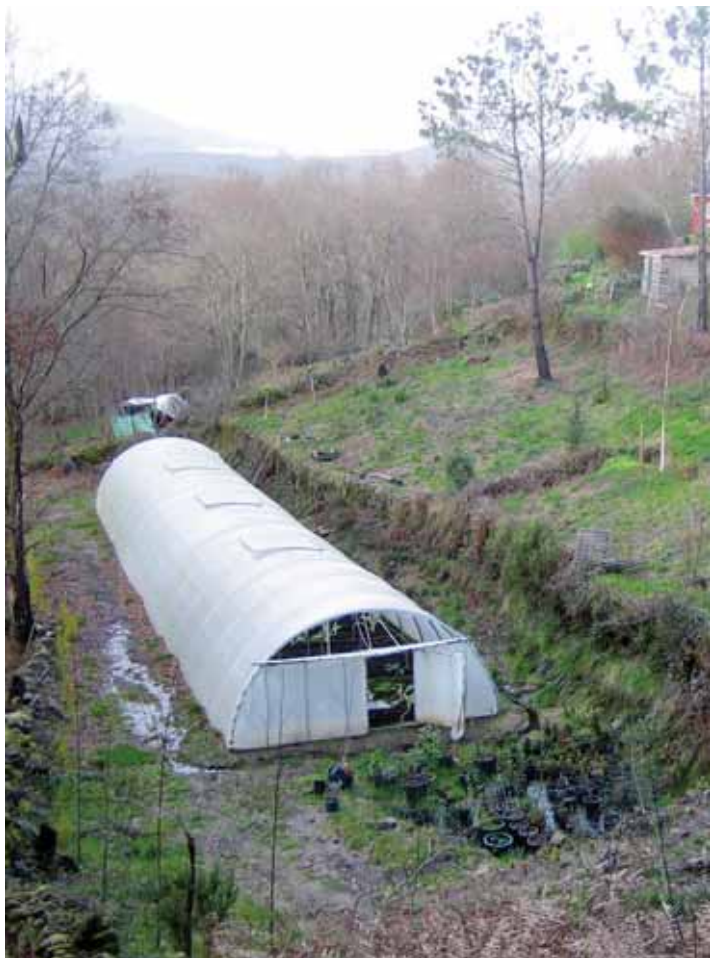
A FUNDO

O agro enfrenta a sua decadência com propostas diversas e um desapego rotundo face ao poder político

VOZES DAS ALDEIAS A PARTIR DE DIFERENTES EXPERIÊNCIAS COM O MUNDO RURAL

Apesar da nossa histórica idiossincrasia labrega, pode-se dizer que o agro foi como o "pátio traseiro" da Galiza. Consoante esta desconsideraçom arreigada, nom admira que os tristes balanços que se realizam sobre o governo bipartido esqueçam reiteradamente as políticas agrárias. NOVAS DA GALIZA quijo dar voz a vários galegos e galegas que, de profissons e vocaçons diversas, fincam os seus pés na terra e rebatem nos factos o abandono de um território e o esbanjamento da riqueza colectiva. Nestes tempos de crise energética e porvires incertos, reclamam um papel para o rural.

JORGE PAÇOS / Nos discursos políticos das forças parlamentares, existe umha palavra mágica: "modernizaçom". No seu tempo, serviu para a construçom das grandes barragens de Fenosa, para justificar a emigraçom massiva, ou para cantar as excelências do transporte de autoestrada. Há três décadas, a palavra ecoava no baleiro; contava com a impugnaçom de parte da intelectualidade crítica, e a populaçom labrega nom se deixava seduzir por umhas infraestruturas que lhe diziam bem pouco. Já choveu muito desde aquela. Para além de um ensurdecedor consenso político-mediático em favor do "crescimento", a imensa maioria da populaçom galega abraçou os princípios da sociedade de consumo, a pressa, a tecnologizaçom acelerada e a conurbaçom como base territorial.



Segundo relatórios recentes da Uniom Europeia, um país que tiver mais de 7% de percentagem como populaçom activa agrária, beiraria o atraso

> Lídia Senra: "é umha autêntica barbaridade dizer que o terceiro mundo passa fome polas barreiras à exportaçom; a fome causam-na precisamente sistemas de monocultivo destinados a consumidores do centro capitalista, que acabárom com os mercados locais"

O agro condenado

Som as mesmas teorias modernizadoras que, debruçando no sector agrário, estabelecem um cánone irrebatível: 7%. Segundo relatórios recentes da Uniom Europeia, um país que tiver mais desta percentagem como populaçom activa agrária, beiraria o atraso. A Galiza, "ancorada" ainda em 12-14% de populaçom labrega, teria que prosseguir a sua reconversom silenciosa; consumar a sobrevivência de um feixe de grandes exploraçons com mao de obra assalariada, e concentrar os seus recursos no eixo Ferrol-Porrinho. É mui claro o economista de CCOO e professor universitário, Santiago Lago Peñas: "na organizaçom territorial da populaçom galega ainda pervivem traços pré-capitalistas que nom podem ser suportados polas políticas públicas, e cumpre superar de vez." Lídia Senra, militante histórica do SLG e labrega, tem umha posiçom bem diferente: "é curioso que se continue com esta ideia de reconversom, quando precisamente o que precisa o agro galego é mao de obra: nom temos pessoas suficientes para fazer produtivas todas as terras que se precisam, que som pasto do lume e do monocultivo florestal". Ainda que nos últimos anos ganhassem o seu espaço as vozes em favor do neoliberalismo, teoricamente contrárias ao "egoísmo de umha produçom agrária europeia defendida polo proteccionismo", Lídia Senra afinca nos princípios de sempre: "é umha autêntica barbaridade dizer que o terceiro mundo passa fome polas barreiras à exportaçom; a fome causam-na precisamente sistemas de monocultivo destinados a consumidores do centro capitalista, que acabárom com os mercados locais".

Conexom agro-cidade

Esta militante do SLG tem-no tam claro como sempre: nom se está a defender apenas umha certa percentagem da populaçom activa: "defende-se um modo de produçom labrego, umha forma de vida, e a possibilidade de os galegos desfrutarmos da soberania alimentar, que é um direito, e a base da soberania política". Perguntada polo interesse crescente que desperta o agro em certos sectores consciencializados da militância urbana, chama a ter em conta os matizes: "qualquer interesse por recuperar o nosso rural em chaves produtivas, venha de onde vinher, é positivo e necessário, mas nom perdamos de vista que nada se pode fazer sem apoios decididos do poder político. E hoje a nova Junta nom demonstrou que tenha a recuperaçom do agro como prioritária". Lídia Senra valoriza como positivas propostas como a recente criaçom do Banco de Terras, mas esclarece "é mui cedo para valorizar em que dá isto todo". "À partida –continua – continua sem estipular-se um preço mínimo para os produtores, que é como se no mundo do trabalho assalariado nom existisse o conceito de "salário mínimo". Assim andamos."

Quanto a iniciativas propriamente urbanas que visam secundar o agro e os pequenos produtores, Lídia Senra aposta numha clarificaçom prévia: "as cooperativas de consumo som umha proposta interessante, mas por vezes os seus protagonistas prescindem de umha planificaçom acaída, e de diálogo com os labregos... assim, acaba-se por pedir produtos a lavradores nom-galegos, e contribui-se sem querer a um transporte de longa distância que é umha calamidade, ambientalmente falando".

CENTROS SOCIAIS

Aguilhoar
Sta. Marinha · Ginzo de Límia

Alto Minho
Catassol · Lugo

Arrincadeira
C. Histórico · Riba d'Ávia

Artábria
Trav. Batalhons · Ferrol

LSO Atocha Alta 14
Monte Alto · Corunha

Atreu!
S. José · Corunha

Aturujo
Principal · Boiro

Baiuca Vermelha
Redondela · Ponte Areias

A Casa da Triga
P. Maior · Ponte Areias

Casa Encantada
Betanços · Compostela

A Cova dos Ratos
Romil · Vigo

A Esmorga
Telheira · Ourense

Faísca
Calvário · Vigo

Fervesteiro
Adám e Eva · Ferrol

A Formiga
Redondela

A Fouce de Ouro
Bertamiráns · Ames

O Fresco
Bº da Ponte · Ponte Areias

Gomes Galoso
Monte Alto · Corunha

Henriqueta Outeiro
Quir. Palácios · Compostela

Espaço Aberto Ken Keirades
Perez Viondi, 9 · Estrada

Mádia Leva
Amor Meilám · Lugo

SRCD Palestina
Ril · Burela

O Pichel
Sta. Clara · Compostela

A Revira
Arc. Malvar · Ponte Vedra

A Revolta
Rua Real · Vigo

Roi Soga
Rua Travessa · Noia

A Tiradoura
Reboredo · Cangas

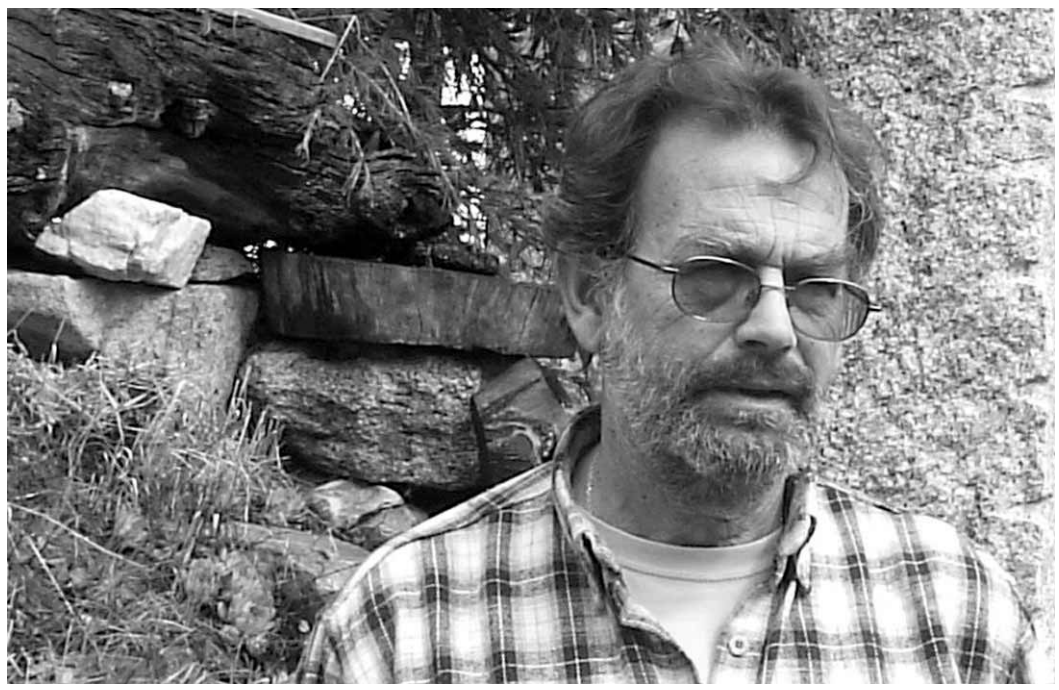
NOVAS DA GALIZA
15 de Julho a 15 de Agosto de 2008

"Há futuro para o rural quando os nossos políticos acordarem do letargo de incultura que lhes impede ver que é produtivo"

ANTONIO FERNÁNDEZ PENA (CHOLO) ESTIVO SEMPRE VINCULADO ÀS MONTANHAS AO LONGO DA SUA VIDA

ALONSO VIDAL / Procedente do mundo laboral viguês, sentiu-se atraído pola montanha e nela foi buscar um espaço de liberdade por diferentes caminhos. Mora agora em Vila Nova, umha aldeia ao pé da Pena Trevinca que tem só nove habitantes. Participou desde novo em Montanheiros Celtas de Vigo e colaborou com diferentes iniciativas sociais, ambientais e relacionadas com a natureza.

Como decides vir ao agro?
Antes de vir viver para Vila Nova de Trevinca, a minha vida e os meus tempos livres estavam dedicados quase exclusivamente à natureza e dentro deste mundo, as montanhas foram sempre as protagonistas de minha vida. Entrei de mui novo em Montanheiros Celtas de Vigo e ao fazer 18 anos ingressei na Escola Galega e na Escola Española de Alta Montanha. Troquei a cidade polo rural em Outubro de 1994. A Veiga e o maciço de Pena Trevinca eram um espaço praticamente desconhecido. A emigraçom para a França, Suíça e Alemanha na década de sessenta e depois para o País Basco, a Catalunha e Madrid nos oitenta, deixaram pouca gente jovem a este território de montanha. Os seus habitantes viviam dumha pecuária de montanha cada vez mais escassa. Havia também umha agricultura caseira e de sobrevivência.



"Nós, os aldeaos destas Terras Altas, queremos dizer aos políticos que nom queremos viver das esmolas das empresas eólicas. Queremos dizer-lhes que desejámos viver do nosso trabalho, das nossas iniciativas"

Pensas que há futuro para um agro produtivo, ou apenas sobreviverám grandes exploraçons e os usos turísticos?
Claro que há futuro para um rural produtivo. Quando os nossos políticos acordarem desse letargo de incultura que nom lhes permite ver que os montes, vales, bosques da nossa grande Galiza som produtivos tanto nos aspectos ambientais, como produtores de qualidade de vida e economicamente rendíveis em solo produtor de madeira, pecuária ecológica, pequenas exploraçons de fruitos silvestres (framboesas, groselhas, arandos), todos eles mui apreçados em confeitaria. Dinamizar economicamente espaços rurais com um marcado recurso dentro do turismo de natureza, controlado e sustentável, já está inventado!

A marcha das empresas de turismo rural é compatível com outro tipo de actividades, ou só resta a 'monocultura' de certas actividades parciais?
No rural nom devem de existir "monoculturas". O rural, à semelhança da cidade, deve de basear a sua economia na diversificaçom do produto rendível. A única e apreciável diferença é que no rural este produto rendível deve de estar dentro do próprio equilíbrio que marca o meio natural.

Qual está a ser o papel da Junta no fomento da vida no agro?
Por agora nom vimos nenhuma actuaçom em favor do aldeao de Trevinca-A Veiga, nem social ou de serviços nem económicos nem tam sequer de promoçom e defesa deste belíssimo espaço natural chamado "Terras Altas de Trevinca". Ao contrário, o que temos visto e sofrido foi e continua sendo a agressom implacável e brutal dumhas multinacionais sem consciência. A Conselharia da Indústria nom retirou do "pastel eólico" o maciço da Pena Trevinca. O bolo do melhor e mais alto espaço natural da Galiza é servido para comensais sem escrúpulos. Todo corre o perigo de desaparecer. Os animais e plantas pola pressom industrial sem consciência. Os jovens e os seus negócios pecuários, ambientais e turísticos pola destruiçom do meio em que se desenvolvia o seu trabalho. Na Veiga-Trevinca nom vemos nem tocamos nenhuma das supostas vantagens e ajudas que a Administraçom Autonómica di que promove para o rural. Que rural? Será outro ou outros rurais. Se os nossos políticos continuam pensando que nestes rurais de montanha nom vale a pena pensar nem colaborar na sua manutençom, no mínimo pedimos-lhes que nom espoliem o melhor do nosso Património Natural de Alta Montanha Galega, que se nom tenhem intençom de nos ajudar, no mínimo que nos deixem trabalhar a nós que cremos, amamos e respeitámos a nossa montanha.

> Na Veiga-Trevinca nom vemos nem tocamos nenhuma das supostas vantagens e ajudas que a Junta di que promove para o rural

Pensas que é possível que as novas geraçons, educadas no consumismo e na cultura tecnológica e da pressa, apostem na sobrevivência do campo?
Claro que é possível que os jovens apostem na sobrevivência do rural do campo ou da montanha galega. Os jovens som jovens mas nom parvos. O próprio rural pode, sem dúvida, dar algumhas soluçons, mas é à Administraçom que compete estabelecer os mecanismos e as ajudas para que as ideias, os planos e os possíveis remédios para pôr em valor, sobretudo social e económico, podam estabelecer-se e dar o fruito desejado.

Enquanto o rural galego, sobretodo o de interior, o de montanha, continuar despovoando-se, sem meninhos e com muitos idosos, sofrendo o ataque desconsiderado e cruel do esquecimento e abandono por parte de nossos políticos; continuar sendo a selva onde caçam despiedadamente os oportunistas económicos; nom alcançar o direito a viver com a dignidade e com os serviços, prestaçons, educaçom e oportunidades de emprego que lógica e humanamente lhe corresponde; enquanto a palavra "aldeao" nom for mais que um sinónimo de "pessoa que vive na aldeia". Enquanto isso, senhores políticos, como aldeao, nom podo acreditar em vós, nom podo confiar em vós. Defraudastes-me. O rural galego continua sendo vossa matéria pendente.

FAUSTINO GÁNDARA É MILITANTE DO SINDICATO LABREGO GALEGO E TRABALHA O CAMPO NUMHA PARÓQUIA DE MUGIA

"As maiores ajudas som para as grandes exploraçons. As pequenas tenhem pouco futuro na actual situaçom"

CARLOS BARROS / Faustino Gándara é um exemplo de resistência no agro. Trabalha em Sendom, na paróquia mugiá de Nossa Senhora da Ó, e conhece de perto as bondades e durezas da actividade agropecuária. Tem animais, produz leite, cultiva o campo e conta com abelhas. Afronta agora a crise do agro e tem esperança de que os seus filhos continuem o labor na exploraçom a que el e a sua mulher dedicárom a sua força de trabalho. Militante do SLG e nacionalista, olha criticamente a gestom do bipartido da Junta em relaçom ao fomento da vida no campo.

"O problema está nos intermediários e nas grandes empresas"

Por que ficas a viver no agro?
Herdamos o sistema de vida dos nossos pais. Os meus irmaos marchárom e foi o que nos tocou.

Como se pode sobreviver no agro?
A cousa está fodida, subiu todo. A minha mulher paga o seguro agrário, e agora com umha exploraçom pequena como a que temos é difícil manter-se. Subírom muito os adubos: de valerem 12 euros o ano passado agora custam 19. Baixárom os preços do leite... e a cousa começa a complicar-se, sobretodo para os pequenos. Há crise e nota-se especialmente neste tipo de zonas.

Há futuro para um agro produtivo ou ficarám só as grandes exploraçons e os usos turísticos?
Tem pinta de que só vam ficar as grandes exploraçons, as pequenas estám-se liquidando. O sistema de contratos para o leite é bom para as empresas grandes, mas nom para as pequenas. Nom há preços mínimos, e tés que te adaptar ao que elas marcarem, ao que che derem. Ao estarem consignadas as condiçons num contrato assinado, depois nom podes melhorá-lo. Dam-nos gato por lebre. O problema está nos intermediários e nas empresas. Compram a preços ridículos e vendem multiplicando os preços.

Como rendabilizades as infraestruturas entre os pequenos produtores da paróquia?
Ficamos só 40 vizinhos e vizinhas. Compartilhamos parte das máquinas entre as diferentes exploraçons, como o tractor. E fazemos guardas no monte no Verao entre três paróquias desde há mais de vinte anos para evitarmos os incêndios. A nova Conselharia do Meio Rural ajudou-nos facilitando material.

A marcha do negócio para a subsistência é compatível com outras actividades ou só fica a monocultura de certos produtos?
Queríamos abrir umha casa de turismo rural, mas a obra nova nom vale conforme a legislaçom vigente e as nossas casas som mui pequenas. Ponhem-nos obstáculos para todo. Por exemplo, umha pessoa que tenha galinhas e lhe sobrem ovos, nom pode vendê-los ao bar. Nem podes vender-lhe a leituga ou os pimentos. Só ponhem problemas.

Qual é o papel da Junta no fomento da vida no campo hoje?
Algo melhor que antes mas nom suficiente. Deveriam ir mais ao campo e mirar o que há. Está-se fomentando subsidiar maquinaria com créditos sem juros, mas há que pagá-los, e se o leite baixa e o rendimento é menor, o dinheiro nom dá. O Banco de Terras, se se leva bem a cabo, pode ser bom. Tem-se que fomentar que as vacas estejam e pastem fora, mas nom se está a fomentar isso, estám-se a favorecer as quadras grandes. As maiores ajudas som para as grandes exploraçons, nom para as pequenas.

É possível que as novas geraçons apostem no campo? Como animarias a gente nova a decidir-se?
Tés que gostar. Aqui há mui pouca gente nova. Eu, por exemplo, tenho quatro filhos e gostaria de que continuassem com a exploraçom. Estám a estudar e mungem as vacas porque lhas fás mungir, que senom... Mas se vai assim a cousa, a exploraçom pequena tem pouco futuro. Só tenhem futuro as multinacionais, que tenhem muita força. Está-se a ver aqui ao lado em Merejo, onde lhe vam levar 270.000 metros quadrados ao lado das casas e pola via da expropriaçom, nom tem sentido. E o argumento do emprego já sabemos que é mentira.

RAQUEL MATO E SANTI OUJO DECIDÍROM QUE AS SUAS VIDAS DEVIAM ESTAR LIGADAS AO AGRO

"A recuperaçom do rural precisa ser planificada: vai a mais e nom tardará em ter umha dimensom importante"

A. SANTOS / Santi Oujo e Raquel Mato som originários, respectivamente, da Corunha e Santiago. Dedicárom parte da sua mocidade ao activismo nos movimentos populares, como a ocupaçom e as rádios livres, antes de pousarem em Terra de Montes. Chegárom à paróquia de Caritel em 1998 com a decisom firme de viver longe das imposiçons da exploraçom e o consumismo. Dez anos depois, fam balanço e contam-nos das alternativas do movimento que alguns nomeam "neo-rural".

"No agro tradicional em decomposiçom há pensons dos velhos, e pronto"

Como vos decidistes a vir viver para o agro?
Raquel. Antes de mais, por saúde. Nom aturava o ritmo da cidade, as suas exigências de vida, a sua poluiçom... e depois, claro, pola pretensom de argalhar modelos sociais novos. De facto, fomo-nos em grupo, procedíamos de um colectivo de ajuda mútua que se organizara em Vigo, e que pretendia cobrir várias necessidades vitais: reivindicaçom, comunicaçom, mas também subsistência. E vários fomos para o rural.

Sánti: o meu foi um caminho semelhante. Passei vários anos em ocupas de diferentes pontos da Europa, e pensei que eram horas de assentar, organizar umha vida, e continuar a contribuir para a luita, mas já de umha perspectiva rural.

Pensades que há futuro para um agro produtivo, ou apenas sobreviverám grandes exploraçons e usos turísticos?
S. Nós centramos a nossa actividade, desde o começo, numha linha produtiva: organizamos umha empresa de fabricaçom e venda de licores, que recuperava espécies esquecidas dos nossos bosques... e mais recentemente tínhamos um outro projecto económico que se baseava em limpar terrenos e roçar fincas. Resultados? Economicamente mui apertados, mas nós nom vivemos com o cánone habitual na cidade, somos mui austeros, e dinheiro pouco precisamos. Temos estado mais de três meses sem ir comprar a umha loja.
R. tés que pensar que no agro tradicional, em decomposiçom, nom há economia: há pensons dos velhos, e pronto. Depois está o mundo "neo-rural", de gente vinda das vilas e cidades, mui diverso. Mormente, nom é político, apenas existe umha certa sensibilidade ecologista. Pensa que nalguns sectores nem está claro o tema da língua galega! Aqui domina toda umha economia informal – pequena produçom, artesanato, autoconsumo, e vendas de pequena escala. Quanto às ofertas oficiais, já as conhecemos.

A marcha das empresas que entram no agro é compatível com outro tipo de actividades, ou só resta o 'monocultivo' de certas actividades parciais?
R. Quem for para o agro vai encontrar trabalho, mau e em condiçons de exploraçom: sobretodo no sector florestal. Nós sempre apostamos em nom perder horas e esforços aqui, e argalhar os próprios projectos, mais acorde com umha vida autónoma. Ora, tampouco é nada fácil, e há que dobrar o lombo.

Pensas que é possível que as novas geraçons, educadas no consumismo e na cultura tecnológica e da pressa, apostem na sobrevivência do campo?
S. Possível? É que iam desfrutar de verdade, e saber o que é umha vida totalmente distinta. A gente nova ainda tem todo que aprender aqui... e organizadamente, a esquerda e o independentismo, em vez de se fecharem nas cidades, onde ninguém os ouve, teriam que lançar projectos no agro. Nós formamos umha associaçom de vizinhos que tivo guerra com o cacique, recuperamos umhas festas, há gente que dá aulas das cousas mais diversas...
R. e depois estám as dificuldades, que há que citar. A mais grande, o confronto com o feudalismo caciquista e a vizinhança que tem de mao, que fai aos recém chegados a vida impossível. E depois, no caso dos neo-rurais, o problema da convivência: nos grupos pequenos acaba sempre por haver desavenças profundas, que som más de gerir. Ora, a recuperaçom do rural precisa de ser um fenómeno coordenado e planificado, porque vai a mais e nom tardará em ter umha dimensom importante.

NOVAS DA GALIZA
15 de Julho a 15 de Agosto de 2008

REPORTAGEM

O IGAPE, DEPENDENTE DA CONSELHARIA DE ECONOMIA, PUBLICITOU OS BAIXOS CUSTOS LABORAIS GALEGOS

Precariedade, temporalidade, baixos salários e o recurso à emigraçom som a realidade diária da maioria das moças e moços

A Junta gaba-se internacionalmente de que as pessoas trabalhadoras galegas tenham uns míseros salários em comparaçom com o seu ámbito. Entretanto, no interior, move as maos como um prestidigitador para que olhemos para um lugar – umha pretensa descida do paro, um acordo pola competitividade baseado no subsídio directo ao patronato e na propaganda –, enquanto ao mesmo tempo executa umha série de truques estatísticos que ocultam os efeitos contundentes da situaçom laboral dos jovens: precariedade, temporalidade, baixos salários ou recurso à emigraçom som a realidade diária da maioria das moças e moços, num mercado laboral fracturado geracionalmente e no qual recuam os direitos.

JOSÉ VICENTE / A situaçom laboral da juventude retornava brevemente ao primeiro plano mediático depois de umha desafortunada, mas esclarecedora, campanha de captaçom de investimentos do governo autonómico. A Junta da Galiza retomou a linha de promoçom empresarial internacional do governo Fraga, ao publicitar numha página web do IGAPE, dependente da Conselharia de Economia os baixos custos laborais galegos, os menores do Estado. Em clara contradiçom com o discurso e a propaganda do dia-a-dia, a Conselharia da Economia sugeria que as empresas aproveitassem a disposiçom das e dos jovens galegos a trabalhar "com muita produtividade" em troca de mui pouco.

Cinismo da Junta

A organizaçom juvenil *Isca!* denunciava imediatamente a situaçom e o "cinismo" da Junta, para criticar a continuidade do modelo económico neoliberal, a que atribuem tanto as causas da crise como umhas receitas que som um novo problema antes do que umha soluçom, como a contençom salarial para as e os trabalhadores, "sem chamar a atençom sobre onde é que se concentrárom todos os benefícios", e advertiam dos retrocessos sociais causados pola Uniom Europeia, com destaque para o retorno ao século XIX com a proposta de generalizaçom das 65 horas de trabalho semanais.

A campanha da Conselharia de Economia nom parece ser mais do que a ponta do icebergue. Na verdade, o mundo do trabalho na Galiza caracteriza-se já por duas realidades diferentes, a das pessoas trabalhadoras mais antigas, que em geral contam com direitos mais consolidados, e as pessoas novas, que sofrem umhas piores condiçons de trabalho, derivado das necessidades do modelo neoliberal, da progressiva desregulaçom laboral, da flexibilizaçom e amplia-

Outra trampa inaceitável que explica a reducçom do desemprego oficial é a emigraçom juvenil, fenómeno recurrente na história galega que evita umha explossom social e que muitas vezes nem sequera é registado correctamente

Os jovens representam o 9% da populaçom activa, mas concentram o 19% do desemprego. As moças suponhem apenas o 40% da populaçom juvenil incorporada ao mercado laboral

Avonda umha leitura dos dados oficiais, como o informe laboral sobre a mocidade (2007) para constatar a continuidade da precariedade, os baixos salários e a emigraçom como riscos mais característicos do trabalho das e dos jovens. A temporalidade excedeu o 84% entre os menores de 30 anos e de facto, por cada 100 jovens assalariados registram-se mais de 200 contrataçons

neves asesoría
Francisco Xosé Neves Alvarez
Graduado Social
R/ Morales Hidalgo, 16
36860 Ponte Areas
Teléfono: 986 644 059

çom da jornada de trabalho. A fractura foi iniciada nos primeiros anos de governo do PSOE no Estado, logo prolongado polo PP, e contou com a colaboraçom do sindicalismo maioritário, que concordou nos pactos laborais e na contençom salarial, que nem sequer tivo o efeito anunciado, a contençom dos preços.

Enquanto a Junta presumia no exterior de baixos salários e docilidade – assinalando a escassez de conflitos –, no interior descreve umha situaçom a melhorar e um acordo com os principais sindicatos. Como um prestidigitador, o governo move as maos e chama a nossa intençom para olharmos para onde lhe interessa, ressaltando a boa evoluçom do desemprego mês a mês, enquanto executa o truque noutro lugar para nos enganar.

A precariedade continua

No entanto, avonda umha leitura dos próprios dados oficiais, como o relatório laboral sobre a mocidade (2007) para constatar a continuidade da precariedade, os baixos salários e a emigraçom como riscos mais característicos do trabalho das e dos jovens; os dados positivos apenas venhem da comparativa europeia, e podem ser qualificados como mera ilusom estatística, já que se incluem os dez novos membros da Europa do Leste, com piores indicadores sócio-laborais que melhoram a situaçom geral dos "marcadores" da economia galega.

A taxa de desemprego reduz-se também só nas aparências, e com umha explicaçom evidente, como a escassa qualidade do trabalho criado e a temporalidade a estender-se; basta assinalar que a temporalidade excedeu 84% entre os menores de 30 anos – e maior conforme baixa a idade – e que de facto, em cada 100 jovens assalariados registam-se mais de 200 contrataçons, de forma que metade de todos os contratos formalizados na Galiza num ano som de menores de 30 anos. Outra armadilha inaceitável que explica a reduçom do desemprego oficial é a emigraçom juvenil, fenómeno recorrente na história galega que evita umha explossom social e que muitas vezes nem sequer é registado correctamente, ou também a fraude laboral, mais frequente entre a juventude.

Menos juventude a trabalhar

Mas ademais há que ter em conta um condicionamento demográfico evidente imposto pola reduçom da natalidade, que explica a reduçom da populaçom activa juvenil, a que se incorporou de modo efectivo ao mercado de trabalho, em 16% no último quinquénio; há menos jovens que reclamam trabalho nos escritórios de emprego porque há menos populaçom e porque se prolonga o período de estudos.

Na realidade, a participaçom da juventude no emprego é hoje muito inferior à que corresponderia segundo o seu peso populacional, enquanto a sua presença no colectivo de desempregados é muito superior a este, apesar de que muitos jovens sem primeiro emprego nom contabilizam nas estatísticas. Segundo os dados oficiais, e tendo em conta que sempre estám por baixo da realidade, 7% da juventude menor de 25 anos está no desemprego, e apenas umha terceira parte trabalha; os jovens representam 9% da populaçom activa, mas concentram 19% do desemprego.

A diferença salarial é também notável, já que o salário dos jovens apenas representa, em média, metade do de um trabalhador de entre 50 e 59 anos, o que implica um negócio magnífico para uns poucos que agudiza umha situaçom geral de exploraçom intensiva; de facto, a CIG fornece um dado eloquente ao lembrar que nos últimos anos os salários aumentárom um mísero 3,7%, enquanto os benefícios empresariais aumentavam em 73%.

> A política laboral da Junta segue os vieiros do governo anterior, assente no modelo neoliberal, centrada na propaganda e no subsídio directo ao patronato enquanto a mocidade segue a emigrar

Há ademais umha notável diferença por género, já que as moças significam apenas 40% da populaçom juvenil incorporada ao mercado laboral. Além disso, a situaçom das moças é pior por constituir a mao de obra predominante nos sectores mais sobre-explorados (como o têxtil) e também pola discriminaçom dentro das empresas por razom de categorias.

A política laboral da Junta segue os vieiros do governo anterior, assente no modelo neoliberal, centrada na propaganda e no subsídio directo ao patronato enquanto a mocidade continua a emigrar por ausência de emprego ou polas condiçons laborais. Ademais, o governo incorporou à sua campanha propagandística os dous principais sindicatos espanhóis, com os que apresentou um acordo – inicialmente polo emprego, logo rebaptizado muito significativamente como "pola competitividade"– a piques de rematar a legislatura, para anunciar a sua execuçom a partir do ano que vem e até 2011. Com efeito, seria absurdo pensar noutro resultado quando a equaçom que se propom é idêntica ao do passado e ainda numha pior conjuntura macroeconómica, quando as políticas som as mesmas, e os prejudicados também.

NOVAS DA GALIZA
15 de Julho a 15 de Agosto de 2008

REPORTAGEM

A *Galicia* institucional vira as costas à *Galiza* cívica na actualidade social

A SOCIEDADE IMPLICADA NO PROGRESSO CULTURAL DA NAÇOM SÓ SE RECONHECE NA FORMA HISTÓRICA

E. MARAGOTO / Em Julho de 2007, num movimento difícil de compreender, a conselheira da Cultura, Ánxela Bugallo, solicitava da RAG um ditame em que se resolvesse qual era o nome do País que deviam empregar as instituiçons autonómicas, após umha polémica com as conselharias socialistas no seio do Conselho de Publicaçons da Junta. Nem o Bloco tinha até esse momento prestado demasiada atençom à RAG, nem esta sociedade académica tinha potestade para decidir em relaçom a um assunto jurídico. Por isso, no ámbito do nacionalismo, poucos entendêrom a razom de umha consulta à qual já se sabia a resposta que podia dar o organismo mais conservador do panorama cultural galego. Com o ditame da RAG, favorável a 'Galicia', o BNG de Sam Caetano poderá afastar-se ainda mais das dinámicas da sua base social, se, como admitiu Bugallo, as conselharias nacionalistas acatarem a resoluçom.

Na época moderna, o nome galego do país (*Galiza*) só ressurgiu com força na época das Irmandades da Fala. Foi essa a altura em que se produziu o esforço restaurador de vocábulos galegos mais forte da nossa história. Como 'Galiza', a Geraçom Nós também levou mui a sério a recuperaçom de outras palavras que tinham desaparecido das falas galegas nos últimos séculos: *galego*, *Deus*... O autor mais importante dessa geraçom, Castelao, foi um dos mais firmes na defesa da restauraçom do topónimo, que levou à prática sem hesitaçom: escrevia *Galiza* em galego (*Sempre em Galiza*, *As Cruzes de Pedra na Galiza*) e *Galicia* em espanhol (*Atila en Galicia*). Nas últimas décadas do século XIX, polo contrário, a tendência dos escritores galegos tinha sido outra, e termos hoje considerados espanholismos gozavam de maior aceitaçom. Para além da palavra *Galiza*, o normal na altura era usar-se também a palavra *gallego*: *Cantares Gallegos* (Rosália de Castro), *A Gaita Gallega* (Joám Manuel Pintos). No pós-franquismo a polémica voltou mais forte que nunca. Em geral, as posiçons reintegracionistas mostravam-se firmes a favor da restauraçom dessas palavras. O isolacionismo era mais indulgente com os castelhanismos, mas acabou admitindo formas como *galego*, *animais* e *Deus*. A forma *Galiza* nom correu a mesma sorte, umha vez que fazia parte do amplíssimo grupo de palavras patrimoniais acabadas em *-ço/-zo*, *-ça/-za*, *-çom/-zom*, castelhanizadas nos últimos séculos (*-cio/-cia*, *-cion*), principalmente por pertencerem aos registos mais cultos da língua. Só alguns vocábulos que nom interrompêrom o uso popular ao longo dos Séculos Obscuros (*cobiça*, *paço*, *doaçom*...) conservavam na fala a terminaçom galega.

O número de empresas que incluem no seu nome a forma Galiza ultrapassa as oitenta, abrangendo ramos mui diversos

Galiza, mais do que um topónimo

O nacionalismo, influído polo reintegracionismo nos últimos anos 70 e primeiros 80, foi inclinando-se para o uso da forma *Galiza*, apesar da resistência de alguns sectores populistas, que defendiam a proximidade da língua culta do galego coloquial. No entanto, o populismo logo deixou de ser a razom dessa resistência, e a visom do galego (como língua independente ou nom do português) passou a estar no centro do debate. Hoje em dia, no conjunto do nacionalismo, só um sector mui minoritário, liderado por Méndez Ferrín, que nega sem matizes a identidade do galego e do português, se mantém firme na defesa da forma *Galicia*. Porém, *Galiza* rapidamente deixou de ser a marca do nacionalismo político para passar a ser património da sociedade que se expressa em galego a tempo completo. Na Internet, o *google* dá-nos umha ideia da importância que a forma *Galiza* atingiu no uso social. Delimitando a pesquisa às páginas do Estado espanhol, os dados som esclarecedores, e a forma tradicional, apesar de extraoficial, tanto em galego como, logicamente, em espanhol, e de ser usada apenas na própria Galiza, alcança, em relaçom a *Galicia*, um de cada dez registos. O tipo de páginas que usam a forma histórica ainda multiplica a importância deste dado. Entre as dez primeiras que usam *Galiza* encontramos o BNG e as suas juventudes, um sindicato estudantil, a mais importante organizaçom ambientalista da Galiza, diversas páginas independentes de conteúdo artístico e um meio de comunicaçom digital independente (o mais importante dos escritos em galego: Vieiros).

> No nacionalismo só um sector mui minoritário se mantém firme na defesa da forma *Galicia*

Polo contrário, entre as dez primeiras que usam o termo *Galicia*, exceptuando La Voz de Galicia, todas estám ligadas directamente à Junta ou som de conteúdo turístico, mais ou menos oficiais.

Por Galiza

Nos últimos anos, a reivindicaçom do nome histórico ganhou importância graças a algumhas campanhas cívicas. Em 2001, um numeroso grupo de figuras muito representativas da cultura galega assinavam um manifesto a favor do topónimo nom castelhanizado, chamado 'Proposta Galiza', e no ano passado o colectivo compostelano A Gentalha do Pichel apresentava umha moçom na Cámara Municipal para substituir o nome oficial da 'Praza de Galicia'. Porém, houvo antes umha iniciativa em apoio da forma *Galiza* muito mais sucedida e que se prolonga até a actualidade. Trata-se do autocolante GZ que levam incontáveis veículos em todo o País, lançado polo jornal *Gralha* em Dezembro de 1996. Naquele número explicava-se como era necessário substituir o autocolante anterior, em que figurava apenas um G, normalmente cruzado com umha faixa azul, que o jornal definia como 'folclorizante', já que muitos estados estavam a usar um autocolante oval com características definidas em diferentes convençons internacionais a que devíamos acomodar-nos: fundo branco, várias letras no caso dos países começados por G, etc. A iniciativa logo ultrapassou o público leitor do *Gralha* para ser reproduzida por mais colectivos galeguistas. Em pouco tempo, a proposta converteu-se num dos mais sucedidos movimentos de afirmaçom galega das últimas décadas.

Também as empresas

A reivindicaçom da forma Galiza alcançou tal importância que mesmo assentou no sector empresarial. Segundo dados disponibilizados polo Registo Mercantil, o número de empresas que incluem no seu nome a forma Galiza ultrapassa as oitenta, abrangendo ramos mui diversos da actividade comercial.

O IMPERIALISMO JÁ NOM É INVENCÍVEL
Leia e subscreva-se a:
RESUMEN latinoamericano
Um projecto comunicacional com 15 anos de existência que serve para enfrentar o discurso dos poderosos
Correio: resumenlat@yahoo.com.ar
Telefone: 630262156

ARREDEMO
A rede de acción sociocultural
HOSTING PARA PROXECTOS SOCIO-CULTURAIS
ASÓCIATE EN
www.arredemo.info

ESPECIAL

Palavras na memória de Ramom Muntxaraz

MILITANTES E AMIGOS QUE ACOMPANHÁROM O PSIQUIATRA AO LONGO DA SUA VIDA LEMBRAM A SUA FIGURA

NGZ / Um grave cancro levava consigo a vida de Ramom Muntxaraz Muntxaraz no passado 29 de Junho. Activista incansável, chegou à Galiza desde o seu Toledo natal passando logo a fazer parte dum povo galego do qual passou a sentir-se parte. Militou no nacionalismo, no campo da psiquiatria e no sindical, e destacou-se por um apoio permanente ao colectivo de presos e presas independentistas, tanto no seu apoio moral como sanitário. Foi seguidor e colaborador do NOVAS DA GALIZA desde o seu nascimento. O seu funeral civil resultou ser um emotivo encontro de nacionalistas de todo signo. Nesta página, activistas de campos diversos dedicam-lhe emotivas palavras de despedida e lembrança.

Ramom Muntxaraz Muntxaraz

O optimismo da prática

Joám Lopes, activista cultural

Contra o pessimismo da razom, o optimismo da prática. Esta frase de Gransci era umha das máximas de Moncho. Procurou, polo que sei, segui-la, ainda que, como todos, nom estivo livre de momentos de parálise. Chegou à psiquiatria por perfeita casualidade na sua mili em Barcelona. Depois emigrou para a Galiza rebotado e despedido desde o fascismo madrileno, mais ou menos o mesmo que o havia de despedir em Conjo. Luita, irmandade, sindicato, classe. Implicou-se, e do médico, do humanista, do revolucionário formal, admirador de Fanon surgiu o analista do colonialismo, o independentista, o galego defensor com unhas e dentes do idioma da naçom com vontade de ser. Sabia que um fratriota e revolucionário nom aspira ao poder mas à transformaçom e à liberdade. Nom chaqueteou. Queria ser soterrado na Galiza em qualquer lugar, e foi-no. Considerava o localismo um cancro do país. Sabia como o grande Vidal Bolanho na *Bailadela da Morte Ditosa* que nom nos suicidamos, matam-nos. Foi-se como Helena e Xan Quinhoá que compartírom com el anos de ferro em Lugo. El queria mais à gente mais humilde e máis desvalida. No seu enterro estivêrom quase todas as concelheiras e concelheiros nacionalistas do seu concelho, os líderes históricos do nacionalismo, os maiores dirigentes do sindicato, doentes, ex-guerrilheiros, camaradas e amigas e amigos, ao lado dumha família maravilhosa. *Por que Obedecemos?*, *Informaçom Obreira* e um estudo inacabado sobre a saudade fam parte da sua obra. Chovia a mares no enterro, veu-nos bem para taparmos as bágoas que o sentido do dever nom nos deveria ter permitido.

Quase um irmao

Antom Moreda, militante nacionalista

Ramom para mim nom só foi um amigo. Foi quase um irmao, porque nom estava integrado no galeguismo histórico mas nesse galeguismo de sentimentos, de amor à Galiza e à sua cultura. Adoptou posiçons políticas comprometidas, tal como muitos naqueles anos. Era de família de classe média-alta e conviveu com enfermos mentais. Foi vogal da Associaçom Gaiola, de que era eu presidente. Tivem com el umha grande relaçom de amizade. Para mim, foi quase um irmao.

Vontade de transformar

Pepe Ramón, do SLG

Em meados da década de oitenta compartim apartamento com Mucharaz. Foi umha experiência vital, polo seu humanismo, a sua vitalidade e luita constante a favor dos mais desfavorecidos. Emanava entusiasmo por fazer, por transformar. Era participativo, apesar do terrível conflito vivido em Conjo. Moncho gostava de compartilhar. Era singelo, agradável e agradecido. Tenho bom recordo de beber e petiscar algo, por Santiago, Conjo ou Catoira, onde o interessante era a conversa diversa, mas sempre tinha em mente o que fazer para acabar com o caciquismo, a pró dos direitos individuais, colectivos e por umha Galiza Ceive. Sempre estava presto a participar ou colaborar em inúmeros trabalhos e campanhas políticas e sindicais sem buscar medalhas. Chegou à Galiza vindo doutro território, para ser amigo, companheiro, camarada, psiquiatra, militante. Quijo sementar, mas para compartir a colheita doutra Galiza possível.

Sempre independentista

Luís G. Blasco 'Foz', linguísta

Nom é dizer nada novo salientar que Muntxaraz e o independentismo galego contemporâneo som algo inseparável. Menos conhecido é o seu importantíssimo rol como teórico e organizador do mesmo.

> Lamentaremos sempre a perda do companheiro. Deixou-nos um autêntico fora de série. *Pedro Alonso*

Como teórico a quantidade e a qualidade dos seus trabalhos é algo extraordinário, infelizmente, muitos deles fôrom pouco ou nada difundidos. Como exemplo citarei a revista *Informaçom Obreira* que, entre Janeiro de 1994 e Março de 1999, publicou 25 números e outro especial dedicado a Moncho Reboiras (Agosto 1996). *Informaçom Obreira* ademais de um alto conteúdo teórico dedicou grande atençom a memória histórica do nacionalismo desde a criaçom da UPG.

Como organizador, cumpre salientar o Colectivo Independentista Galego Provisório que por iniciativa sua e sob a sua direcçom se reúne pola primeira vez em 25 de Julho de 1995, apenas cinco meses depois da autodisoluçom da APU; o CGIP fijo duas apresentaçons públicas e realizou dezassete juntas, a última em Dezembro de 1996; nessa data autodissolve-se para dar passagem a umha iniciativa superior.

Unidade, organizaçom e luita

Xan Carlos Ánsia, sindicalista da CIG

Ramón Muntxaraz foi psiquiatra em Conjo. Também foi obreiro da piçarra em Val de Orras, marinheiro no Morraço, trabalhador do metal em Ferrol, intelectual em Compostela, preso em Alcala-Meco, labrego na Maía, jornalista em Redondela, combatente no Gaias, proletário em Ourense, solidário em Portugal, insubmisso em Lugo. E voltou a ser médico em Toém, na Corunha, em Vigo, na Póvoa. E sempre marcou um caminho: a unidade do povo fronte aos poderosos, a organizaçom obreira como ferramenta contra o capital e luitar todos os dias e a todas as horas. Moncho era a acçom, o construir, o passo adiante, o punho ergueito. Nunca foi um colonizado e renegou de ser um colonizador. Filho da Terra pra sempre.

Um intelectual galego fiel à classe trabalhadora

A. Árias Curto, militante independentista

Como já dixem no seu funeral civil, no cemitério de Boisaca (Compostela), perante o seu nicho 2251, no passado dia 1º, nom temos muit@s irmá(n)s, camaradas e companheir@s que tivessem umha vida política activa, como filh@s do povo trabalhador galego, até a sua morte.

A sua derradeira tarefa política, estando a cavalo da sua morte anunciada, e el, como médico, consciente da sua proximidade iminente, foi a organizaçom, coordenaçom e gestom da "Homenagem a Foz". Para amostra, um botom.

Ademais de louvarmos a sua contribuiçom para o M.L.N.G., @s combatentes pola Independência temos umha dívida com el como médico.

Cuido que teria que publicar-se a sua obra escrita, como mostra dum intelectual galego fiel à classe trabalhadora, para dar exemplo a tant@ cultureta profissional.

Os cadernos de *Informaçom Obreira* (os quais tod@ @ independentista deveria de conhecer, estudar e discutir), editados na década de noventa, ficárom sem pai!!!!

Obrigad@s, Muntxa!!!

Muntxa

Joám Peres Lourenço, militante de Ceivar

Sabes que é impossível perfilar a complexidade dum indivíduo em 800 signos e, por cima, ficar cheio. Admitindo-o, exporei apenas anacos de ti que ficam comigo para sempre e querem ser nossos. E entom, Dom Ramom, digo: psiquiatra tolo reparte *Informaçom Obreira* na madrugada a operários da Vulcano. "E logo, quem sodes vós?", perguntam. "Nós somos os de sempre", respostas. Olhache à morte de frente. Cárcere. JUGA. SAT. Memória colectiva. Ienetegá. Resistentes originários no mencer da Amaía. A saúde mental, questom política. Soubeche fazer-te **nós** sem ismos nem complexos. Luitares toda a vida. Galego cum laude. Comunista. Espeleólogo senlheiro nas furnas da nossa psique colectiva. Fica o teu exemplo de quanto um home pode amar esta Terra e a evidência de que quem ama também odeia e combate por ela.

Preocupado pola Terra

Pedro Alonso Iglesias, ambientalista

A preocupaçom pola Terra, como cenário onde se conforma a personalidade colectiva do nosso povo, sempre foi umha das teimas do amigo e companheiro Ramon Muntxaraz. Nos últimos 5 anos, período em que coincidimos em mais dumha faina, Moncho concedeu umha enorme importância ao contexto físico onde, já desde meninhos, adquirimos as coordenadas emocionais que nos ligam a determinados espaços geográficos, a umhas paisagens visuais, olfactivas e sonoras que nos proporcionam o fundamento do nosso carácter. Suponho que essa preocupaçom lhe era alimentada polo fundo conhecimento da saúde mental do nosso povo, e, como bom investigador, andou sempre à procura de explicaçons, sendo a componente ambiental um factor de primeira ordem neste sentido. A sensibilidade de Moncho com a problemática ambiental galega foi sempre reveladora. Os "tsunamis", como gostava de os chamar, que arrasárom dúzias de aldeias nos anos sessenta e setenta para produzir hidro-electricidade motivárom a realizaçom dumhas jornadas ("Desterrados por Encoros") no ano 2005, onde juntamos várias pessoas que perderam o seu vínculo com a Terra e com as suas lembranças. Lamentaremos sempre a perda do nosso companheiro. Deixou-nos um autêntico fora de série.

NOVAS DA GALIZA
15 de Julho a 15 de Agosto de 2008

CULTURA

O PRESIDENTE DA REAL ACADEMIA GALEGA FALA PARA O NOVAS DA GALIZA DAS POLÉMICAS RECENTES NO MUNDO CULTURAL

Xosé Ramón Barreiro: "Depois do acontecido em Lisboa, dedicar as Letras a Carvalho seria visto como que a Academia cede um espaço"

EDUARDO MARAGOTO / A instituiçom que preside Xosé Ramón Barreiro está por detrás de algumhas decisons que nos últimos meses abalárom o mundo cultural galego. As críticas ao novo decreto de galeguizaçom do ensino, o posicionamento favorável à forma *Galicia* e a homenagem a Ramom Pinheiro no próximo Dia das Letras nom fôrom bem acolhidas no movimento normalizador, e especialmente no reintegracionismo, onde a centenária instituiçom académica recebe as críticas mais severas. Destes e de outros assuntos fomos conversar com ele, na sede que a Real Academia Galega (RAG) tem na rua Tavernas da Corunha, e isto foi o que nos contou, num tom distendido e sem fugir de nengumha questom polémica.

Nom seria mais fácil normalizar inserindo-nos num ámbito lingüístico que nom tivéssemos em cima, como o lusófono?
Entom teríamos em cima Portugal e sobretodo o Brasil.

Mas nom compartilhamos o mesmo espaço político...
É verdade, mas isso nom quer dizer que tenhamos maiores facilidades nem muito menos; os impérios som impérios, os estados som estados, e funcionam. Portugal nom aceita sequer a regionalizaçom; cuidado, porque o modelo político português é um modelo político mui duro em relaçom à defesa das autonomias.

Instituiçons como a que preside som questionadas pola sua inutilidade, vistas como obsoletas, por nom conseguirem acompanhar o uso vivo das línguas...
Que esta é umha instituiçom obsoleta é dito por aqueles que nom conhecem a Academia. O pessoal da Academia trabalha com os instrumentos mais modernos, mas nom pretende ser como umha equipa de futebol ou umha associaçom de vizinhos; a Academia é um espaço de reflexom e análise sobre a cultura e portanto nom me interessa – creio que inclusive estamos demasiado na imprensa – estar nos meios. Tampouco é funçom da Academia atacar o problema do 'nom uso' do galego, isso corresponde ao poder político, e nós estamos a lidar com esse poder político (mas nom com microfones) para que realizem a sua funçom, porque eles som os que tenhem orçamento para isso. Nós agora mesmo temos seis dicionários abertos publicados ou prontos para publicar, que é o que a gente necessita, isto só se pode fazer através de umha Academia. O que nom vamos fazer, enquanto eu for presidente, é estar a tirar manifestos; isso que o fagam outros colectivos, mas a Academia nom vai prostituir a sua funçom.

XOSÉ CASTRO, ARQUIVO RAG

"Oxalá fosse o ano que vem o de Carvalho, que ainda estou eu. Foi o meu mestre, umha pessoa querida. Tenho o inconveniente dos filólogos aqui da Academia, mas todo se pode solucionar, também Pinheiro tinha inconvenientes e foi escolhido..."

Suponho que fala das críticas que lhe tem realizado a Mesa pola Normalizaçom Lingüística, mas há outras: a sociedade nom está à espera de que a Academia edite os seus dicionários para usar umha palavra ou outra. Som os meios de comunicaçom os modelos que imita, e nesse sentido este tipo de instituiçons tenhem mui pouca incidência...

> "A SOLUÇOM POLA QUAL SE OPTOU FOI MANTER A OFICIALIDADE DE *GALICIA*, PORQUE A ACADEMIA NOM PODE CRIAR UM SUPOSTO JURÍDICO CONTRÁRIO AO ESTATUTO"

Mas nós nom controlamos esses meios. Eu podo fazer as normas e os dicionários, mas o que nom podo é controlar o dono de La Voz de Galicia para que, em primeiro lugar, aumente a quota de galego no seu jornal. Um caso diferente é o da televisom; acabo de assinar um convénio em que a Academia vai ter umha presença mais efectiva, para garantir umha expressom legítima. Ora, que exista essa percepçom por parte de sectores da sociedade em geral, isso nom o aceito... a percepçom existe só em determinados sectores, justamente os que estám à vanguarda, os preocupados com esta questom... todo bem com tal que ela seja científica e cultural, nom política. Eu nom nego que nom temos aí umha boa imprensa, mas isso é lógico. Os historiadores sabemos que no Partido Galeguista Castelao e Bóveda eram questionados polas Mocidades Galeguistas, que os acusavam de serem mais lentos. Isto é, há um relevo geracional, e temos que assumi-lo.

Existe a sensaçom de que a RAG está mais preocupada por evitar a entrada de lusismos que de castelhanismos...
Isso sim que cho creio, mas isso devia ser agradável para vós, pola singela razom de que vos vemos como perigosos (*risos*). Olha, nom há nengum regulamento interno que impida um lusista de entrar na Academia...

Mas falo agora dos 'lusismos' lexicais... a forma Galiza?
Foi aceite. Nom foi aceite para a representaçom do País porque levaria consigo umha reforma do Estatuto...

E a Academia deve meter-se num ámbito jurídico?
Quando se aprovárom as Normas esse foi um dos assuntos mais debatidos. Deve ficar claro que nom foi a Academia, foi umha representaçom da Academia, do ILG, das três Universidades... portanto foi consensual. A soluçom pola qual se optou foi manter a oficialidade de *Galicia*, porque a Academia nom pode criar um suposto jurídico contrário ao Estatuto, mas, ao mesmo tempo, admitindo *Galiza* em qualquer caso. Mas tu havias de ver as acusaçons que eu tenho aqui por escrito de que nos estamos a converter numha ponte lusista, já que muitas dessas palavras que fôrom recuperadas e admitidas tenhem origem galega mas estám

XOSÉ CASTRO, ARQUIVO RAG

"Nom recebim nengumha petiçom formal para retirar o título de académico nom numerário a Franco. Se eu receber algumha petiçom formal de um ou dous académicos, nom teria problema"

vigentes em Portugal. Para mim, a sensibilidade que existe na Galiza com o reintegracionismo é um pouco doentia, injustificada, agora, em qualquer caso existe, e tem umha pressom constante.

Nos últimos anos constata-se que aumentou a compreensom das posturas reintegracionistas; nom nota...?
Sim que noto...

A Academia nom deveria conectar com essa sensibilidade em aumento?
As Academias som mais lentas e a RAG nom pode ser a proa do barco. Se isso se impom, a Academia tem que aceitá-lo.

Mas dificilmente se imporá com a oposiçom da Academia...
A Academia nom tem problema, polos menos enquanto eu estiver aqui, em que vaiam entrando umha série de palavras que se estám a usar. Nom existe umha inquisiçom nesse sentido. Polo menos pola minha parte. Que haja académicos muito mais angustiados nom me preocupa, há-os. Entraste na página da Academia?

Entrei, sim.
Pois na própria página da Academia punha Galiza durante muitíssimo tempo. E houvo umha petiçom formal dentro da própria Academia dizendo que disso nada; quero-che dizer que na Academia convivem sensibilidades diferentes.

Sinceramente, seria possível que entrassem reintegracionistas na Academia?
Sim.

Sabe que surgiu outra Academia agora?
Falemos de cousas sérias.

E que lhe parece que o reintegracionismo representasse a Galiza no debate parlamentar sobre o Acordo ortográfico da Lusofonia?
Já nos comunicamos com a Academia Portuguesa, bom, a Academia portuguesa nom existe, com o Parlamento. Figemos-lhe ver que nós somos os únicos representantes da Galiza, e tomárom boa nota, isso que fique claro.

Na vossa web nom aparecem ligaçons de nengumha academia portuguesa, brasileira... e no entanto há umha da Real Academia de la Cultura Valenciana, que promove umhas normas secessionistas em relaçom ao ámbito catalám...
Tenhem ali um problema em que nom quero entrar... Nós temos contacto com o Institut d'Estudis Catalans, e tenhem o problema da Academia Valenciana...

Mas nom falo dessa, falo da RACV...
Pois nom sei, é um problema que nom sigo, mas perguntarei a ver como está isso.

"JÁ ENTRAMOS EM CONTACTO COM O PARLAMENTO PORTUGUÊS. FIGEMOS-LHE VER QUE SOMOS OS REPRESENTANTES DA GALIZA, E TOMÁROM BOA NOTA, ISSO QUE FIQUE CLARO"

"NOM ACEITARIA UMHA CÁTEDRA OU UNS ESTUDOS PORTUGUESES COMO SUBMARINOS; É UMHA FORMA DE AGREDIR, DE ENTRAR, MAS O FACTO DE QUE SE OUÇAM AS TELEVISONS PORTUGUESAS NOM ME INCOMODA"

Que pensa das propostas a favor da transmissom das televisons lusas na Galiza e do ensino do português. Parece-lhe que som importantes para reforçar o galego?
Se está o inglês e o francês, porque nom há de estar o português? Ora, eu compreendo perfeitamente que isso é um submarino, porque introduzindo o português como língua diferente, a troca de empréstimos com o galego vai ser evidente. Mas eu som mui liberal, com tal que haja jogo limpo por todas as partes. O que nom aceitaria é umha cátedra ou uns Estudos Portugueses como submarinos; é umha forma de agredir, de entrar, mas o facto de que se ouçam as televisons portuguesas nom me incomoda.

Mas com estas propostas parece que o movimento normalizador caminha num sentido divergente à RAG...
É possível, dentro de 25 anos continuaremos a falar do tema, a ver como avançárom as posiçons...

E isso nom lhe preocupa?
Nom, a mim preocupa-me que nom se fale galego, a falta de autoestima. Que existam mais opçons nom me preocupa, insisto, sempre que joguemos todos limpo. Pode haver aí umha clara política imperialista portuguesa, mas sinceramente nom me preocupa.

E preocupa-lhe receber tantas críticas como instituiçom do movimento nacionalista e do normalizador? Gostaria que fossem melhores as relaçons?
Nom há más relaçons. Aí mesmo estivo sentado Callón, e estivemos a falar civilizadamente...

Mas a Academia recebeu críticas bastante duras... sobretodo em relaçom à vossa posiçom quanto ao Decreto do ensino...
Já sei, mas é o papel que tenhem que cumprir. Eu aceito as críticas e penso que som a expressom de umha geraçom que legitimamente está aí para algo diferente.

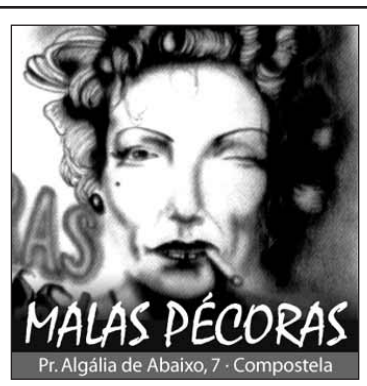
Conhecia a campanha a favor de dedicar o Dia das Letras a Carvalho Calero? Nom foi Ramom Pinheiro umha proposta contra Carvalho?
Claro que conheço, nom vou conhecer! Recebim-nos aqui duas vezes, e dixem-lhes claramente as poucas possibilidades que havia, ainda que eu ia jogar essa carta, porque tem apoios. Precisamente polo *tinglado* este da Lusofonia [em relaçom ao debate parlamentar sobre o Acordo em Lisboa] dixo-se: 'Nom é o momento', porque ia ser interpretado como que a Academia lhes cede um espaço, assim de claro cho digo.

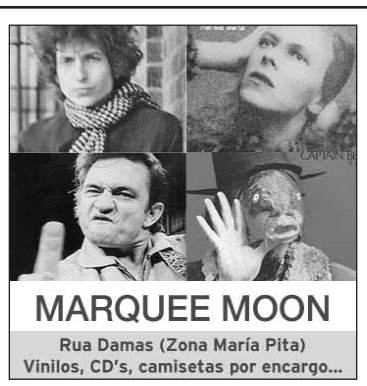
E algum dia será possível?
Oxalá fosse o ano que vem, que ainda estou eu. Foi o meu mestre, umha pessoa querida para mim. Tenho o inconveniente dos filólogos aqui da Academia, mas todo se pode solucionar, também Ramom Pinheiro tinha muitos inconvenientes e foi escolhido...

Precisamente Ramom Pinheiro tinha inimigos dentro da Academia...
Inimigos nom, discrepantes da sua conduta política. Eu sou um deles. Tendo-lhe um respeito enorme, já dixem publicamente, e ele estava diante, que se tinha enganado a tentar galeguizar todo, em vez de fazermos um grande frente nosso. Apesar disso, estamos numha democracia e se o plenário apoiou Pinheiro temos que aceitá-lo. Mas esta proposta nom foi a que eliminou a de Carvalho, que nom chegou a prosperar na fase prévia, porque nom podemos permitir que Cavalho perda a votos. Carvalho tem umha entidade tal que o dia que seja apresentado será para ganhar.

Quando vai passar a Lei de Memória Histórica pola RAG e ser retirado Francisco Franco dentre os Académicos nom Numerários?
Nom pode retirar-se a qualidade de Académico nom Numerário a um que foi, é como se um senhor ganha umhas oposiçons e logo, porque nom gostes, queres tirar-lha.

Mas houvo Universidades que figérom...
Isso é diferente. O que fijo a Universidade de Santiago foi apresentar umha moçom para retirar a Franco o título de filho predilecto, como poderíamos tirar aqui a Franco a Presidência Honorífica. Chegaremos a isso? Eu nom recebim nengumha petiçom formal disso. Se eu receber algumha petiçom formal de um ou dous académicos, nom teria problema.





ENTRE LINHAS

As revistas do mar

IVÁN CUEVAS / Pense-se o que se pensar da nova aventura ferial da Junta, o certo é que nom pode senom elogiar-se o trabalho dos que figérom possível que o saber marítimo galego chegara até Brest. Com efeito, a Federaçom Galega pola Cultura Marítima e Fluvial, que agrupa trinta e oito colectivos, trabalha desde 1993 pola recuperaçom dos saberes associados à navegaçom (nem sempre com tanto reconhecimento institucional) e mais anos de labor tenhem ainda algumha das agrupaçons sobreviventes da fundaçom. Entre os métodos para a recuperaçom deste ámbito cultural, encontram-se as publicaçons da Federaçom, que começárom ligadas aos encontros de embarcaçons tradicionais, mas que agora materializam-se em duas revistas: *O Apupo*, boletim gratuito com informaçom trimestral relativa às actividades das associaçons, e *Ardentia*, de periodicidade variável e preço de 9 euros, com estudos mais fundos sobre a cultura da navegaçom, que atingem também Portugal.

Dirigida por Luís Rei, o último número de *Ardentía*, o 4, publicado já em Março de 2007, está dedicado à presença feminina na costa. Entre outros temas, Carme Hermida escreve da imagem da mulher nas cantigas marinheiras, Emilio Xosé Insúa lembra o banhismo das labregas até meados do século XX e Dionisio Pereira recolhe a história das *barreiras* entre Cambados e Ogrove. Ademais, analisa-se a realidade económica do trabalho feminino e recupera-se a história das mulheres em Trás-Ancos, Ortegal e Sálvora, assim como das *Julianas* de Bueu, subastadoras de peixe. Fóra do tema central, também se recolhem artigos sobre o VIII Encontro de Embarcaçons Tradicionais da Galiza ou do testemunho dos últimos usos do rasto no mar. O último número aparecido de *O apupo*, pola sua banda, corresponde ao Outubro passado. Cobre também o VIII Encontro de Embarcaçons em Ferrol, incluindo as jornadas técnicas, ou a Temporada de Dornas 2007, assim como outras notícias dos colectivos.

Na página web da Federaçom, *www.culturamaritima.org*, podem encontrar-se estas revistas em pdf (no caso de *Ardentía*, salvo o último número) e consultar os pontos de venda em toda a Galiza.

LÍNGUA NACIONAL

Língua Visível do meu Povo

VALENTIM R. FAGIM

Cena 1
Entramos no restaurante, pegamos na carta, lemos a ementa do dia e pedimos qualquer cousa que nom aparece lá. O empregado olha-nos estranhado, apenas há 4 pratos para escolher, só um deles é peixe, portanto e sem demorar muito exclama: *ah, merluza!*

Cena 2
Vamos até um banco pedir um crédito. Falamos durante 15, 20 minutos com a directora, umha mulher agradável. Ao sair da sucursal reparamos nas palavras que deixaram de sair dos nossos lábios durante a conversa e sabemos que todas elas tenhem algo em comum.

Cena 3
Estamos na mercearia, está calor e o nosso corpo pede fruta fresca. Pedimos morangos e ameixas mas temos a precaçom de assinalar com o dedo cada um dos nossos pedidos e é só graças a isso que somos convenientemente servidos.

O que tenhem em comum as três cenas é a **invisibilidade**. Na década de 60 cantava o poeta aquilo de *Língua Proletária do meu Povo*. Cinquenta anos depois teima-se na cantiga quando na verdade era o momento de se passar para *Língua Visível do meu Povo*. Porque o que nom se vê, nom existe. Pior, nom dá para reclamar.

MÚSICA

bOnOvO, a surpresa do verao

MARCOS PAYNO / Ligeiramente assíncronos, como eles mesmos se definem, bOnOvO está formado por Oscar Fernández com a sanfona, Roberto Grandal com o acordeom, Pulpiño Viascón com a bateria e Tomás Ageitos no som.

Este primeiro disco constitui umha surpresa e, sobretodo, umha boa notícia, pois é, sem dúvida nenhuma, um dos discos mais esperados do ano. Umha autêntica liçom de emocionantes melodias combinadas com umha singular forma de fusionar folk e música electrónica que, com certeza, farám deste disco de bOnOvO umha das surpresas do Verao. Um trabalho de que podem gostar tanto os amantes do folk como os amantes da música electrónica e de dança.

Gravado nos estudios "La Casita" de Ribeira e produzido por bOnOvO e por Tomás Ageitos, este disco sai à rua auto-editado, sendo outro exemplo mais de que cada vez som mais os grupos que optam por criar o seu próprio selo para levarem os seus trabalhos adiante e assim terem o control sobre os seus discos.

A maior parte das composiçons deste trabalho som do sanfonista Oscar Fernández (Os Cempés) e os arranjos de bOnOvO ainda que também há cabimento para as versons de outros autores como Spaghetti panic de Andy Cutting, ou mesmo versons de temas populares revistos com a particular visom deste trio. Para além disto, o disco conta com umha nova versom do tema In the Ocean do Pulpiño Viascón, que foi ganhador da primeira ediçom do Apologhit com este tema. Contárom também com as colaboraçons de Serxo Ces (Os Cempés) com a voz e de Nacho (Jarbanso Negro) com o Ukelele. Surpreendentes.

A CONJUGAR O VERBO SEXUAR

Apologia de um Verao afrodisíaco e erótico

BEATRIZ SANTOS / Eros, deus da paixom sexual (o deus de duplo sexo e asas douradas que pujo em funcionamento o universo) e Afrodita, deusa do desejo, velam polos nossos encontros de Verao.

As pessoas temos umhas características próprias à hora dos encontros segundo o esquema "seduçom-cortejo-encontro" que nos afasta do "instinto de reproduçom-acasalamento" (mesmo quando essa é a intençom).

Este Verao, porque nom, pode ser o momento ideal para cultivarmo-nos na arte de amar (ars amandi) de que a erótica é peça clave. Umha ajudinha pode vir da mao da comida.

Convida outra pessoa a desfrutar dum almoço (jantar ou pequeno almorço) afrodisíaco.

O prazer nom tem porque limitar-se ao facto de comer. Pensar na amante, no amante durante os preparativos, mesmo cozinhar pode ser um prazer em si mesmo.

Os afrodisíacos existem.

Som alimentos escolhidos, elaborados e preparados especialmente para alguém, som um elemento mais do ars amandi.

Todo vale: copiar receitas, ouvir recomendaçons de elaboraçom, experimentar, mesmo improvisar. Todo vale, ou quase. Nom é recomendável umha actitude estrita com o que deve acontecer nem tentar copiar outra situaçom já vivida por nós ou polas personagens de um filme. A amante ou o amante som sempre seres únicos e diferentes.

As variantes som infinitas. Preparar a comida diante da outra pessoa pode entrar no processo afrodisíaco. O ambiente é clave, nom é preciso ir procurá-lo numha revista de coraçom, senom num lugar habitual. Se preferires algo novo, cálido ou fresco... tu decides.

CINEMA PARA PENSAR

A Grande Final

F. TRAFICANTE / A meio caminho entre o documentário e o filme, esta obra de Gerardo Olivares e de co-produçom hispano-germana relata como as pessoas de lugares como o Amaçonas, o deserto do Teneré em Níger e uns nómadas da Mongólia tentam ver a todo custo a final do Mundial de futebol do ano 2004. Mas o futebol nom é mais que umha desculpa para nos mostrar como vivem e pensam estes povos. Longe de ser um documentário ao uso, o tratamento de pseudo-filme permite-lhe apresentar diálogos e situaçons divertidas, sempre com um tratamento de respeito a estas culturas tam diferentes da nossa. E, do meu ponto de vista, é aí onde radica o maior interesse do filme, pois vemos como apesar dos profundos avanços tecnológicos que se tenhem dado nas últimas décadas, nem sempre todo o mundo pode ter acesso a eles com a mesma facilidade. E de como apesar de essas mudanças, as profundas diferenças culturais permanecem. Contudo, observamos como a submissom das mulheres aos homens nas sociedades tradicionais som umha constante. Mas junto a isto, vê-se o respeito polos velhos. Outro valor é o da paciência e compreensom com os outros ou na hora de enfrentar as dificuldades com paciência mas nom resignaçom, longe da histeria que o stress nos provoca na nossa sociedade europeia. Também podemos ver a chegada do consumismo até estas gentes ainda que nom participem do capitalismo mais selvagem. Nom com muita frequência se une um filme divertido com umha história rigorosa e cheia de interesse. Este é um desses casos, onde é recomendável utilizar as legendas para desfrutar dos idiomas falados na sua versom original, pois seria umha mágoa estragar a autenticidade total dos actores, paisagens e objectos com umhas vozes postiças através da dobragem, por muito boa que esta for.

DESPORTOS

Obscurecido após o seu brilhante papel nas Olimpiadas de há quatro anos, Iván Raña demonstrou o valor da constáncia

Iván Raña recupera a forma e cala os críticos

NGZ / Obscurecido após o seu brilhante papel nas Olimpiadas de há quatro anos, Iván Raña quijo demonstrar o valor da constáncia. No passado 20 de Julho impujo-se no Campionato Mundial de Triatlom celebrado na Áustria, achegando-se no ranking ao líder desta disciplina, o seu compatriota Gómez Noya. Conservador na bicicleta e marcando distáncias na corrida a pé, o ordense quijo lembrar "a gente que o apoiou sempre, e aqueles que o esquecêrom quando os resultados lhe virárom as costas." O excelente desportista galego também deu um aviso a navegantes: "antes de acadar-se este resultado, houvo meses e meses de trabalho intenso". Umha consigna irrenunciável para os desportos de esforço e sofrimento, e um aviso para Pequim. Haverá dous galegos com medalha?.

O espanholismo aproveita David Cal

NGZ / Quiçá umha das condiçons físicas mais portentosas da Galiza esteja no Morraço. Tem-na David Cal, que irrompera como um obus nas passadas olimpiadas, e trabalha estas semanas para obter o seu pico de forma, longe das polémicas que mantivera com a conselharia de cultura e desporto. A sua condiçom de figura mediática está a ser habilmente aproveitada polo Estado, que o elegeu como "abandeirado" da selecçom espanhola. Nengumha das instituiçons galegas fijo declaraçons neste respeito.

Instituiçons galegas ajudam à expansom da selecçom espanhola

NGZ / Nom é surpresa que toda a imprensa empresarial galega se some à exaltaçom do unitarismo espanhol com motivo dos sucessos futebolísticos dos homens de Luis Aragonés. Umha novidade notável é a implicaçom dos poderes autonómicos e municipais no espalhamento espanholista. Concelhos co-governados polo BNG colocárom pantalhas gigantes em praças céntricas de Compostela e Ponte Vedra. Longe da espontaneidade, esta linha de adesom "galega" parece ter um fundamento ideológico: assi no-lo transmitia o semanário regionalista "A Nosa Terra", onde Alfonso Eiré festejava o triunfo dum combinado "que supera a noçom de 'fúria' e o velho centralismo".

Murguía, Revista Galega de Historia é un proxecto autoxerido, no que grazas a centos de subscritores e lectoras vai descubríndose a Historia da nosa nazón, divulgándoa e póndoa en valor.

No último número apreséntase unha boa parte dos mitos e lendas que conforman o noso imaxinario colectivo, así como a nosa pegada na tradición e lendas doutros países, caso de Irlanda, obvio a través do Leabar Gabhala **que reproduce o último número de Murguía, RGH...**

Nome _____ Apelidos _____
Enderezo _____
Localidade _____ CP _____ Teléfono _____
Solicito: Subscrición ☐ Máis Información ☐
Enviar á **Murguía, Revista Galega de Historia**: Apartado de Correos 755 15.703 Compostela
ou secretaria@revistamurguia.com Teléfono 629.31.12.68

Subscríbete! | www.revistamurguia.com |

NOVAS DA GALIZA

www.novasgz.com | assinantes@novasgz.com | Telefone: 692 060 607

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

☐ Subscriçom + livro = 35 € ☐ Subscriçom anual = 24 € ☐ Assinante Colaborador/a = ____€
☐ Subscriçom + pack bilharda = 30 € ☐ Subscriçom + duplo pack bilharda = 35 €

Nome e Apelidos _____ Telefone _____
Endereço _____ C.P. _____
Localidade _____ E-mail _____

☐ Nº Conta _____
☐ Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

NOVAS DA GALIZA
APARTADO 39 (15701) COMPOSTELA - GALIZA / TEL: 630 775 820 / PUBLICIDADE: 692 060 607 / info@novasgz.com

OPINIOM	2	A FUNDO	9
EDITORIAL	3	REPORTAGEM	12
NOTÍCIAS	4	CULTURA	16
ESPECIAL	15	DESPORTOS	19

SKÁRNIO | COLECTIVO POLÍTICO-MUSICAL

"Combatemos com a música um sistema que nos condena a desaparecer como povo"

ZÉLIA GARCIA / Depois de "A filosofia da acçom da guerrilha urbana" e "Arredista", chegou no passado mês de Janeiro "O nosso caminho", disco dos vigueses Skárnio, que na Galiza já está a ser distribuido polos diferentes centros e locais sociais, com mui boa acolhida.

- Que encontramos de diferente neste disco ?
- A primeira diferença está na auto-ediçom com licença copylfet e, já depois, a nível musical é um disco muito diferente dos anteriores, tem umha maior amplitude musical que os outros dous. Nom somos umha banda que costumemos repetir-nos muito de um disco para outro, ainda que tenhamos no ska a nossa base musical.

- Por que vos decidistes pola auto-ediçom e o copylfet? Foi umha decissom conjunta?
- Som questons que vam ligadas, porque é a forma de dizer à gente que é possível fazer as cousas por um mesmo, que é possível auto-ediçom e baixo umha licença livre, que nom somos escravos de nada mais que de aquilo ao que nos sentimos atados.

- Nestes dez anos como grupo, mudou muito o panorama musical galego?
- Aparentemente hoje em dia existem mais grupos que cantam em galego que há dez anos atrás, muitos mais. Se isso é para bem ou para mal o tempo dirá, se é por moda ou nom o tempo será quem o mida. Imagino que será algo positivo, mas haverá que ver a estabilidade dos grupos e dos projectos.

- Também mudárom as cousas dentro da própria banda de Skárnio neste tempo?
- Skárnio nunca foi umha banda compacta ideologicamente nem estável a nível de membros. Passou muita gente pola banda, e mesmo entre disco e disco, há gente que entra e que sai da banda. Da gente que começou com o grupo restam dous, e somos dez. E já houvo outra muita gente que está agora noutros grupos ou na casa. É umha banda que sempre está a mudar de músicos, mas o que perdura é o projecto. Skárnio como projecto político-musical vai continuar a estar aí.

- Qual é o vosso público na actualidade? A quem se dirige Skárnio?
- Umha das cousas que conseguimos com a nossa música é levar umha mensagem a um amplo sector social ao que nom tinha chegado por outros meios. O nosso público, apesar das aparências, é do mais heterogéneo, e o típico perfil de jovem nacionalista desmonta-se umha e outra vez a medida que vamos conhecendo gente que segue o nosso trabalho e acode aos nossos concertos. Se tivermos forma de contabilizar a gente que conhece e ouve Skárnio repararíamos no facto de que nom há tanta juventude nacionalista.

- Que significa continuar com a "música de combate"?
- É continuarmos a trabalhar dentro da comunidade nacional de resistência de que sentimos que fazemos parte. Continuamos a denunciar umha situaçom que para nada mudou nos últimos dez anos, estamos com os mesmos problemas de precariedade, de abandono massivo do rural, de colonialismo capitalista salvagem sobre a nossa terra, turistificaçom... Combatemos com a música um sistema que nos condena à desapariçom como povo.

- Projectos de futuro?
- De momento está muito recente o disco e vamos continuar na linha de promoçom do último disco e continuar com os concertos. Temos em mente pôr em funcionamento já a página web, que está ao cair, e também fazer um videoclip com um dos temas do último disco.

- E como vai essa gira de apresentaçom de "O nosso caminho? Hai concertos previstos?
- Tirando dous concertos que tivemos em Orereta e Azpeitia, em Euskal Herria, todos os concertos que estamos a ter som pola Galiza. Temos concertos em Melom, em Mugia o 25 de Julho, depois tocaremos em Agosto no Festidoiro de Cúntis, e algum projecto que outro temos para tocar também por Ourense. Vam saíndo assim, em cima da hora, tampouco fazemos um calendário de concertos a meses vista pola situaçom do grupo, já que somos 10 trabalhadores, e cada quem tem de atender o seu trabalho e nom é doado juntarnos todos.

Bo ka gostá di 1

(TURISMO SEXUAL-2)

QUICO CADAVAL

No restaurante Mr. Boss (cadeiras de plástico e toalhas de linho), as europeias que ainda nom suspeitam que vam velhas, convidam rapazes africanos a comer o beef barada. Os moços repetem o velho ritual guerreiro de serem premiados com carne depois da façanha. A caça foi incruenta, umha turista de cabelos d'ouro apanhada na armadilha da dança high-soul dumha discoteca matinal. Ninguém sabe nem se interessa de quem foi o caçador (que palavra tam masculina!) e quem a peça (e esta tam feminina, nom si?). O come-come das parelhas turistas e das inter-raciais inter-etárias inter-continentais acrescenta o mito de que os europeios comem carne todos os dias, se quadra, em prémio por todo o que renhem caçado os seus devanceiros desde o neolítico. Do bar vizinho, o Wantanamerah, uns adolescentes rim do espectáculo e bebem um vinho de tetrabrick espanhol misturado com refrigerante local. Escuitam clásicos cubanos dos anos cinquenta, cantados em língua wolof. O riso nom é humilhatório, nom indica reprovaçom da práctica dos seus sedutores compatriotas nem das caçadoras europeias , essas Patricias Nightingale, do turismo sexual. É o riso africano, riso da alegria ao pressentir um iminente acto sexual, e também o riso da esperança, de prever um futuro em que eles também se poderám prostituir.

Esta cena aconteceu há apenas quince dias em Bakau, Gámbia. Vim a foto. Cenas semelhantes desenvolviam-se em lugares como Toku e Banjul.

O pensador boreal L. Minks afirma que as novelas románticas som a pornografia para mulheres. Tenho amigas que protestam iradamente, e negam-no. Alguém devia dezer que subproduto artístico excita as mulheres. Eu nom podo porque, infelizmente, nom o sei. Se quadra, o que quer dezer o boreal é que a prostituiçom para mulheres deve responder a um ciclo mais amplo e demorado que o do varom, tam semelhante a um espirro na sua estrutura. Que um serviço sexual de pago para mulheres deve ser mais parecido a um namoro. Por isso, o trópico é o lugar perfeito: muito desemprego, poucos conhecidos e mercadoria à mostra. Cuba está esgotado como destino por excesso de conhecidos, e polo moralismo rufianesco que aparece nos sorrisos ao ver um casal inter-racial. Afinal é um pais católico de cultura espanhola. África e o novo paraíso de redistribuçom de renda e dopamina. Minhas amigas, nom esqueçam os nossos paises de friendly-speak, os palop, a lusoafrofonia. Paises onde além de terem ruas do che guevara, mulatos, águas quentes e morabeza, o teu amante entende quando lhe cantes umha cantiga galega.

Lembras-te meu amigo
daquelas noites do vrao
tu contavas as estrelas
eu as areias do chao.